Universidade Estadual de Londrina

ANA CAROLINA DOS REIS ANDRELLO

VENTILAÇÃO VOLUNTÁRIA MÁXIMA E SUA RELAÇÃO COM DESFECHOS CLÍNICOS EM PACIENTES COM DPOC

Londrina
2019

ANA CAROLINA DOS REIS ANDRELLO

VENTILAÇÃO VOLUNTÁRIA MÁXIMA E SUA RELAÇÃO COM DESFECHOS CLÍNICOS EM PACIENTES COM DPOC

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Reabilitação (Programa Associado entre Universidade Estadual de Londrina [UEL] e Universidade Norte do Paraná [UNOPAR]), como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências da Reabilitação.

Orientador: Prof. Dr. Fabio de Oliveira Pitta

Londrina
2019

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

Andrello, Ana Carolina dos Reis .

Ventilação voluntária máxima e sua relação com desfechos clínicos em pacientes com DPOC / Ana Carolina dos Reis Andrello. - Londrina, 2019.

62 f. : il.

Orientador: Fabio de Oliveira Pitta.

dissertação) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Ciências da Saúde, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Reabilitação, 2019.

Inclui bibliografia.

1. Doença Pulmonar Obstrutiva Crônica - . 2. Função Pulmonar - . I. Pitta, Fabio de Oliveira. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Ciências da Saúde. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Reabilitação. III. Título.

ANA CAROLINA DOS REIS ANDRELLO

VENTILAÇÃO VOLUNTÁRIA MÁXIMA E SUA RELAÇÃO COM DESFECHOS CLÍNICOS EM PACIENTES COM DPOC

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Reabilitação (Programa Associado entre Universidade Estadual de Londrina [UEL] e Universidade Norte do Paraná [UNOPAR]), como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências da Reabilitação.

BANCA EXAMINADORA

____

Orientador: Prof. Dr. Fabio de Oliveira Pitta
Universidade Estadual de Londrina – UEL

____

Profa. Dra. Gianna K. Waldrich Bisca Reche
(Componente externa ao programa)

____

Profa. Dra. Larissa Araújo de Castro
(Componente externa ao programa)

Londrina, 28 de fevereiro de 2019.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais pela confiança que depositam em mim desde sempre, em todas as minhas decisões pessoais e profissionais. Pelo suporte físico, psicológico e também financeiro sempre que precisei. Pelo amor e preocupação que fazem questão de demonstar todos dias.

Aos meus amigos por todo o apoio, paciência e carinho que recebi em todas as fases do meu desenvolvimento como fisioterapeuta e mestranda, desde discutir e me ajudar com questões teóricas e práticas do meu estudo, até momentos simples e muito importantes como as viagens, pausas para o café e conversas descontraídas.

Ao meu orientador por toda a paciência e compreensão e por confiar no meu potencial (na maioria das vezes mais do que eu mesma confiei) e sempre me incentivar a avançar nos meus objetivos com perseverança.

Aos membros da banca que aceitaram o convite para contribuir com esse trabalho e com esse momento tão importante da minha vida acadêmica e profissional.

E aos nossos pacientes que fazem os estudos possíveis e nos permitem apreendermos com eles todos os dias.

Muito obrigada!

“Conheça todas as teorias, domine todas as técnicas, mas ao tocar uma alma humana, seja apenas outra alma humana.”

(Carl Jung)

ANDRELLO, Ana Carolina dos Reis. **Ventilação voluntária máxima e sua relação com desfechos clínicos em pacientes com DPOC.** 2019. 62 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Reabilitação) – Programa Associado UEL –UNOPAR – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2019.

RESUMO

OBJETIVOS: Investigar a relação entre a Ventilação Voluntária Máxima (VVM) e desfechos clínicos na doença pulmonar obstrutiva crônica (DPOC) e adicionalmente, verificar se a VVM é melhor preditora destes desfechos do que o volume expiratório forçado no primeiro segundo (VEF_1). **MÉTODOS:** Estudo transversal com dados de indivíduos diagnosticados com DPOC e avaliados antes da entrada em um programa de reabilitação pulmonar. Eles foram submetidos às avaliações da função pulmonar completa pela espirometria, pressões respiratórias máximas (PRM), capacidade funcional de exercício pelo teste de caminhada de seis minutos (TC6min), dispneia pela versão modificada da escala *Medical Research Council* (mMRC), estado funcional pelo *Pulmonary Functional Status and Dyspnea Questionnaire – modified version* (PFSDQ-m) e qualidade de vida (QV) pelo *COPD Assessment Test* (CAT). As correlações foram avaliadas pelo coeficiente de Spearman e foram usados modelos de regressão linear múltipla por etapas para verificar os preditores dos desfechos clínicos levando em consideração a VVM, VEF_1 e variáveis antropométricas. **RESULTADOS:** Foram incluídos 157 indivíduos (82 homens) com mediana (intervalo interquartílico) de idade de 66 (61-73) anos e que apresentavam IMC de 27 (22-31), VEF_1 de 46 (33-57) % do predito, TC6min de 86 (76-96)% do predito, bom estado funcional com um escore total do PFSDQ-m de 34 (14-57) e impacto moderado na QV com um escore total no CAT de 13 (7-19). Foram encontradas correlações moderadas e estatisticamente significantes da VVM com a pressão inspiratória máxima (PImax) (r=0,40), TC6min (r=0,50) e mMRC (r=-0,56) (P<0,001 para todas), assim como com as pontuações totais do PFSDQ-m (r=-0,40) e do CAT (r=-0,54). As correlações destes desfechos clínicos foram de forma geral mais fortes com a VVM do que com o VEF_1. Nos modelos de regressão, ao contrário do VEF_1, a VVM aparece como preditora de quase todos os desfechos clínicos, com exceção de alguns domínios do CAT. **CONCLUSÃO:** Conclui-se que a VVM se correlaciona moderadamente com vários desfechos clínicos utilizados na avaliação dos indivíduos com DPOC. A VVM mostrou-se também como melhor preditora da força muscular respiratória, capacidade de exercício, dispneia, estado funcional e QV na DPOC do que o VEF_1. Assim, recomenda-se que esse teste não deixe de integrar as avaliações na prática clínica e na pesquisa.

Palavras-chave: Doença pulmonar obstrutiva crônica. Ventilação voluntária máxima. Qualidade de vida. Exercício.

ANDRELLO, Ana Carolina dos Reis**. Maximum voluntary ventilation and its relationship with clinical outcomes in patients with COPD.** 2019**.** 62 p. Dissertação (Mestrado em Ciências da Reabilitação) – Programa Associado UEL – UNOPAR – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2019.

ABSTRACT

AIMS: To investigate the relationship between Maximum Voluntary Ventilation (MVV) and clinical outcomes in patients with chronic obstructive pulmonary disease (COPD), and to verify if MVV is a better predictor of these outcomes than the forced expiratory volume in the first second (FEV_1). **METHODS**: This was a cross-sectional study with data from individuals diagnosed with COPD assessed pryor to enrollment in a pulmonary rehabilitation program. They underwent assessments regarding lung function by spirometry, maximal respiratory pressures (MRP), functional exercise capacity by the six-minute walk test (6MWT), dyspnea by the modified version of the Medical Research Council scale (mMRC), functional status by the Pulmonary Functional Status and Dyspnea Questionnaire-modified version (PFSDQ-m) and quality of life (QoL) by the COPD Assessment Test (CAT). Correlations were verified by the Spearman's coefficient and stepwise multiple linear regression models were used to verify the independent associations of MVV and FEV_1 with clinical outcomes. **RESULTS:** Data from 157 individuals (82 males) were analyzed , with a median age of 66 (61-73) years,a BMI of 27 (22-31), FEV_1 of 46 (33-57)% predicted, and a 6MWT with a median of 86 (76-96)% predicted, good functional status with a PFSDQ-m total score of 34 (14-57) and moderate impact on QoL, with a CAT total score of 13 (7-19). Moderate and statistically significant correlations of MVV were found with MIP (r=0.40), 6MWT (r=0.50) and mMRC (r=-0.56) (P<0.001 for all), as well as with total score of PFSDQ-m (r=-0.40) and CAT (r=-0.54). Most of the clinical outcomes presented a correlation with MVV higher than with FEV_1. As for the regression models, differently than the FEV_1, MVV appears as a predictor of almost all clinical outcomes, except for some CAT domains. **CONCLUSION:** It is concluded that MVV correlates moderately with most of the clinical outcomes used in the evaluation of individuals with COPD. MVV also proved to be a better predictor of respiratory muscle strength, exercise capacity, dyspnea, functional status and QoL in COPD than FEV_1. Therefore, this test is highly recommended as part of the comprehensive assessment of COPD in clinical practice and research.

Key words: Chronic obstructive pulmonary disease. Maximal voluntary ventilation. Quality of life. Exercise.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

REVISÃO DE LITERATURA – CONTEXTUALIZAÇÃO

LISTA DE TABELAS

ARTIGO ORIGINAL

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AFVD	Atividade Física de Vida Diária
AVD	Atividade de Vida Diária
CAT	COPD Assessment Test
CI	Capacidade Inspiratória
CPT	Capacidade Pulmonar Total
CVF	Capacidade Vital Forçada
CVL	Capacidade Vital Lenta
DPOC	Doença Pulmonar Obstrutiva Crônica
FMR	Força Muscular Respiratória
GOLD	Global Initiative for Chronic Obstructive Lung Disease
IMC	Índice de Massa Corporal
mMRC	Modified Medical Research Council
OMS	Organização Mundial da Saúde
PEmáx	Pressão Expiratória Máxima
PFSDQ	Pulmonary Functional Status and Dyspnea Questionnaire
PImáx	Pressão Inspiratória Máxima
PR	Pulmonary Rehabilitation
PRM	Pressões Respiratórias Máximas
QoL	Quality of Life
QV	Qualidade de Vida
RP	Reabilitação Pulmonar
TC6min	Teste de Caminhada de Seis Minutos
V_A/Q	Relação Ventilação/Perfusão
VEF_1	Volume Expiratório Forçado no primeiro segundo
VR	Volume Residual
VVM	Ventilação Voluntária Máxima
WHO	World Health Organization

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO

A doença pulmonar obstrutiva crônica (DPOC) é atualmente um dos principais problemas de saúde pública e ocupa a quarta posição dentre as causas de morte no mundo[1]. É definida como uma doença prevenível e tratável, caracterizada pela limitação persistente ao fluxo aéreo e está associada a uma resposta inflamatória que pode causar remodelamento brônquico e alterações no parênquima pulmonar. Assim, a doença cursa com os sintomas de dispneia, fadiga, tosse crônica e aumento da secretividade, que causam grande impacto na capacidade funcional e qualidade de vida dos pacientes[2,3].

O diagnóstico da doença se dá pela história clínica, sintomas e exames, sendo a espirometria o principal teste utilizado para confirmação diagnóstica. A classificação do grau de obstrução da DPOC é dada pelo valor percentual do predito do volume expiratório forçado no primeiro segundo (VEF_1) após o uso de broncodilatador[2,3]. Essa variável é obtida na espirometria e tem sido amplamente utilizada na prática clínica e na literatura científica nas últimas décadas.

Contudo, a correlação limitada que o VEF_1 apresenta com diversos outros desfechos da doença, como qualidade de vida (QV), capacidade de exercício e atividade física na vida diária (AFVD)[4,5], acentuou o interesse na avaliação de outras variáveis espirométricas e volumes pulmonares que se correlacionassem melhor com esses desfechos, que se encontram afetados pelo comprometimento pulmonar e sistêmico nos pacientes com DPOC[6,7].

Nesse contexto, parece haver espaço para novas evidências sobre a ventilação voluntária máxima (VVM), que é um teste de função pulmonar realizado com um espirômetro e mede o maior volume de ar que uma pessoa consegue inspirar e expirar rápido e voluntariamente em um determinado intervalo de tempo. Alguns estudos anteriores[4,5] já mostraram haver boa correlação da VVM com o gasto energético, AFVD e QV na DPOC. Essa medida da função pulmonar, apesar de simples e pouco estudada, pode fornecer dados úteis para a prática clínica e para pesquisas, pois reflete a mecânica e o *endurance* muscular respiratórios, que são determinantes na limitação ao exercício físico nesses indivíduos[8-11].

Assim, considerando a busca atual por desfechos que possam predizer melhor do que o VEF_1 a globalidade do acometimento de pacientes com DPOC, esse estudo objetiva investigar a relação da VVM com desfechos clínicos nessa população.

2 REVISÃO DE LITERATURA – CONTEXTUALIZAÇÃO

2.1 Doença Pulmonar Obstrutiva Crônica (DPOC)

De acordo com pesquisas da Organização Mundial da Saúde (OMS), a DPOC é um dos principais problemas de saúde pública que ocupa atualmente a quarta posição dentre as causas de morte no mundo, e estima-se que até 2020 ela ocupará a terceira posição[1].

A maior prevalência da DPOC se dá em indivíduos com mais de 40 anos, tabagistas ou ex-tabagistas. No Brasil, estudos recentes mostram que a prevalência da doença varia entre 6% e 15% na população acima de 40 anos. Segundo o boletim epidemiológico do Ministério da Saúde de 2016, a DPOC tem destaque nas taxas de mortalidade na população acima de 50 anos, sendo que o risco aumenta com a progressão da idade[12,13,14].

Causada principalmente pelo tabagismo de longa data, a DPOC é definida pela literatura atual como uma doença prevenível e tratável, caracterizada pela limitação persistente ao fluxo aéreo, decorrente de anormalidades das vias aéreas causadas pela exposição prolongada a agentes nocivos e alérgenos. Essas mudanças pulmonares consistem na obstrução brônquica (bronquite) e na destruição do parênquima pulmonar (enfisema) e resultam principalmente do processo inflamatório crônico característico da doença[2,3].

Além do tabagismo, outros fatores de risco incluem a exposição ambiental e ocupacional a alérgenos, resíduos e poluição, infecções respiratórias recorrentes, bem como prematuridade e fatores genéticos. Comorbidades associadas como cardiopatias e doenças musculoesqueléticas decorrentes do tabagismo e do envelhecimento também têm impacto importante no estado de saúde do paciente com DPOC[3].

Os sintomas respiratórios da doença podem preceder a obstrução aérea crônica e a ocorrência de eventos respiratórios agudos, denominados exacerbações. A dispneia é o sintoma respiratório mais comum e frequente da doença, seguida pela tosse crônica e aumento de secretividade. Qualquer pessoa com mais de 40 anos que apresente esses sintomas e tenha história de exposição prolongada aos fatores de risco deve investigar a possibilidade de ter DPOC[3,15].

Considerando a complexidade do conjunto de alterações causadas pela DPOC, a reabilitação pulmonar (RP) é o tratamento não medicamentoso mais indicado para esses indivíduos. A RP pode ser definida como uma intervenção baseada em uma avaliação detalhada de cada paciente, seguida de terapias individualizadas que incluam treinamento físico, educação e mudança comportamental, com potencial de melhorar a condição física e psicológica dos pacientes a curto e longo prazo[16]. Essa avaliação completa e abrangente inclui testes e instrumentos de avaliação, validados para a população com DPOC, que visam determinar a capacidade física, o estado funcional e psicológico do paciente, possibilitando estabeler prognóstico e possibilitar uma prescrição adequada e individualizada da reabilitação.

2.2 Avaliação da Função Pulmonar

2.2.1 O sistema respiratório na DPOC

Considerando a idade avançada da maioria dos pacientes com DPOC, é importante lembrar que as alterações anatômicas e fisiológicas do sistema respiratório e cardiovascular desses indivíduos consistem em uma somatória dos efeitos do envelhecimento com as manifestações pulmonares e sistêmicas da doença. A literatura atual também ressalta a heterogeneidade do acometimento e manifestações da DPOC, mesmo em pacientes que apresentam o mesmo grau de obstrução[3,17].

A disfunção das vias aéreas de pequeno calibre se deve principalmente ao processo inflamatório característico da doença, causado pela exposição prolongada ao tabaco e outros agentes nocivos, que resulta em broncoconstrição e, a longo prazo, remodelamento brônquico. Além disso, a hipersecretividade consequente desse processo contribui para o estreitamento das vias aéreas periféricas. Essas disfunções levam a limitação progressiva ao fluxo aéreo e são demonstradas pela redução do VEF_1 e da relação VEF_1/CVF, e pelo aumento do volume residual (VR) e da relação VR/CPT que indicam que há aprisionamento aéreo. Adicionalmente, a destruição do parênquima pulmonar (enfisema) juntamente com a inflamação e disfunção vascular, ambos causados pela exposição ao tabaco e outras partículas nocivas, resultam em uma relação ventilação/perfusão (V_A/Q) inadequada, diminuindo a troca gasosa e a oferta de oxigênio[3,17].

Todas essas alterações se tornam ainda mais evidentes durante atividades moderadas e vigorosas que aumentam a demanda ventilatória, gerando maior dispneia frente à resposta fisiológica inadequada a esse incremento, resultando em limitação ao exercício[17].

2.2.2 Espirometria

A investigação da DPOC deve ser feita em qualquer indivíduo com história de exposição aos fatores de risco e que apresente dispneia, tosse crônica e/ou hipersecretividade. A confirmação diagnóstica nesse contexto clínico é feita pelo exame de espirometria[3].

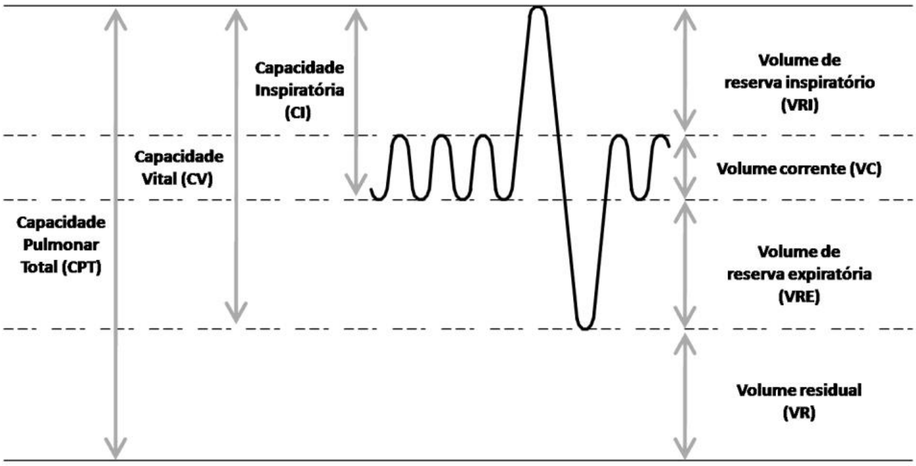
A espirometria é o teste mais aplicado na prática clínica e pesquisa para avaliação da função pulmonar e classificação da gravidade da DPOC. Além disso, esse teste fornece valores considerados preditores da progressão da doença e parâmetros para a resposta terapêutica, principalmente medicamentosa. Esta é considerada uma prova de função pulmonar acessível e não invasiva para avaliar de forma objetiva e reprodutível a limitação ao fluxo aéreo[3,8,10].

2.2.2.1 Capacidade Vital Forçada (CVF) e Volume Expiratório Forçado no primeiro segundo (VEF_1)

A manobra utilizada para obter os valores necessários para a confirmação diagnóstica é a CVF, uma manobra de esforço máximo no qual o paciente é instruído a realizar uma inspiração máxima e em seguida uma expiração máxima de forma rápida e forçada, durante no mínimo 6 segundos. Considerando os volumes e capacidades pulmonares (Figura 1), a CVF deve partir da capacidade pulmonar total (CPT) e progredir até o volume residual (VR)[8,18].

Durante essa manobra se obtém o valor do volume expiratório forçado no primeiro segundo (VEF_1) que é a variável mais usada clinicamente para avaliar os distúrbios obstrutivos (Figura 2). O VEF_1 é também uma variável que conta com grande número de evidências na pesquisa científica, uma vez que é utilizado para classificação da gravidade dos distúrbios e tem valor prognóstico[13-18]. Tratando-se de um teste de esforço máximo, um bom indicativo da colaboração do paciente e execução correta dessa manobra é o valor do pico de fluxo expiratório (PFE), que também se encontra reduzido na DPOC[8,18].

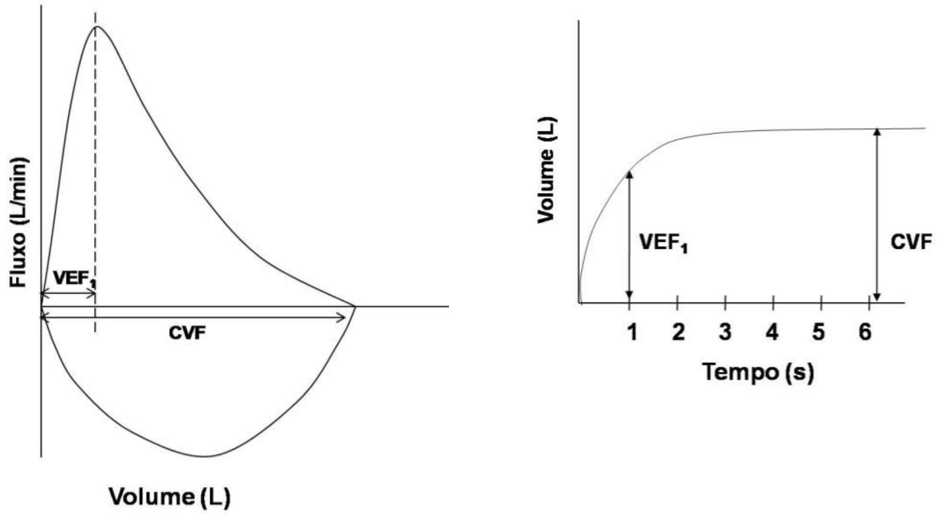
Figura 1: Volumes e capacidades pulmonares



Fonte: o próprio autor

Importantes documentos[8,10,18] foram desenvolvidos ao longo dos anos com o objetivo de padronizar a execução das provas de função pulmonar e tornar as medidas mais confiáveis e reprodutíveis. Assim, as curvas obtidas no exame devem seguir critérios de aceitação e reprodutibilidade e a sua interpretação deve ser feita de acordo com valores de referência adequados para a população[19].

Figura 2: Curvas Fluxo x Volume e Volume x Tempo da manobra espirométrica da CVF.



Fonte: o próprio autor

De acordo com o GOLD Report 2018, o critério para a classificação do distúrbio obstrutivo para diagnóstico da DPOC é a relação fixa, pós-broncodilatador, do $VEF_1/CVF<0,70$. E baseado nesse critério simples e independente dos valores de referência, vários ensaios clínicos contribuem com evidências para a elaboração de recomendações e tratamentos. Já o grau de obstrução e a gravidade da doença se dão pelo valor de porcentagem do predito do VEF_1, como descrito no quadro abaixo[3,19,20].

Quadro 1. Classificação da gravidade da obstrução pulmonar pelo VEF_1, na presença de $VEF_1/CVF<0,70$.

Classificação	VEF_1%predito	Obstrução
GOLD I	$VEF_1 \geq 80\%$	Leve
GOLD II	$50\% \leq VEF_1 < 80\%$	Moderada
GOLD III	$30\% \leq VEF_1 < 50\%$	Grave
GOLD IV	$VEF_1 < 30\%$	Muito grave

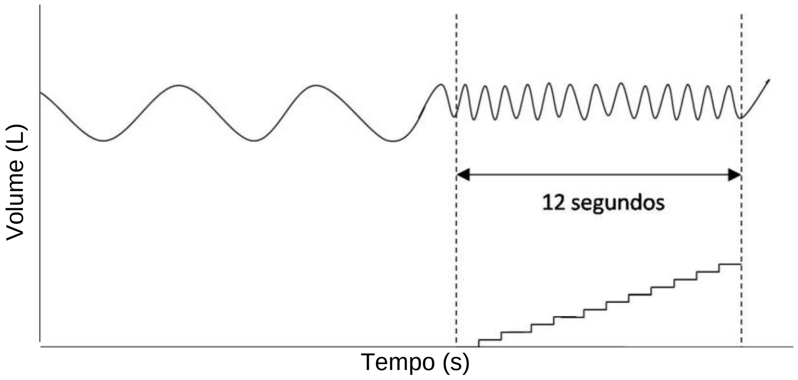
Fonte: o próprio autor

2.2.3 Ventilação Voluntária Máxima (VVM)

A VVM é uma manobra também realizada em um espirômetro e que exige colaboração e esforço máximo do paciente. Essa medida é definida como volume máximo de ar mobilizado durante um determinado período de tempo, realizando uma respiração profunda, rápida e forçada. O tempo de execução da manobra estabelecido pelas diretrizes é de 12 segundos, com o objetivo de manter uma frequência respiratória entre 90 e 110 respirações por minuto[8,9] (Figura 3).

O teste conta com incentivo verbal ao paciente para que este realize esforço máximo; contudo, indivíduos com doença respiratória nem sempre alcançam essa taxa[21]. Assim, para a seleção dos resultados, as diretrizes recomendam a comparação com o VEF_1. A relação $VVM/(VEF_1x40)<0,80$ indica distúrbio ou esforço insuficiente do indivíduo, necessitando melhor investigação[8].

Figura 3: Curva representativa da manobra da VVM



Fonte: o próprio autor

Apesar de simples e pouco estudada, o valor da VVM fornece dados úteis sobre a mecânica e o *endurance* muscular respiratório que, como já dito anteriormente, participam do mecanismo multifatorial causador da dispneia e da limitação ao exercício físico em pacientes com DPOC[22,23].

A VVM pode ser estimada pelo valor do VEF_1. Inicialmente o VEF_1 era usado isoladamente para estimar a VVM quando multiplicado por 40, contudo essa estimativa não levava em consideração que o VEF_1 é, teoricamente, uma medida independente da força muscular respiratória (FMR) e da mobilidade diafragmática e da caixa torácica, enquanto que a VVM além de associada à FMR também é influenciada pela complacência e elastância do sistema respiratório[24].

Neder e colaboradores[24] realizaram um estudo com uma amostra de 100 indivíduos brasileiros entre 20 e 80 anos e analisaram valores de força muscular respiratória e da VVM estratificados por idade, concluindo com sua análise que para estimativa da VVM nessa população a equação mais adequada é $VVM=(VEF_1 x37,5)+15,8$. Porém, vários autores[8,10,24] ressaltam que a VVM deve ser determinada diretamente, pois sua estimativa inclui apenas um parâmetro derivado diretamente do outro e, mesmo considerando a alta correlação entre a VVM e o VEF_1, em muitos casos de distúrbios ventilatórios pode haver diferença significativa entre os valores medidos e estimados[19].

2.2.4 Pletismografia Corporal

Outras medidas de volumes pulmonares absolutos, bem como novas técnicas que fornecem valores que indicam direta ou indiretamente o grau de aprisionamento aéreo e hiperinsuflação, têm ganhado espaço nas pesquisas e são obtidas por testes e equipamentos mais complexos e dispendiosos do que a espirometria simples. Uma dessas técnicas é a pletismografia corporal. Esse método tem a vantagem de ser preciso e de permitir a mensuração de todo o volume pulmonar e adicionalmente avaliar a resistência e condutância das vias aéreas[25,26].

O pletismógrafo é um equipamento de alto custo de aquisição e manutenção e necessita de ambiente controlado para o melhor desempenho do sistema. Basicamente as medidas de pletismografia são realizadas com o paciente dentro de uma cabine hermética, respirando em um bucal, contra um sistema que oclui ou libera o fluxo de ar pela boca. Quando o fluxo está ocluído, as diferenças de pressões na cabine geradas pelo movimento respiratório medem de forma indireta a magnitude da mudança do volume pulmonar. Uma vez que o fluxo de ar é liberado o sistema é capaz de mensurar as variações de pressões proporcionais às pressões alveolares o que permite a avaliação da resistência das vias aéreas[25,26].

A manobra completa de pletismografia consiste em posicionar o paciente na posição sentada dentro da cabine fechada e estabilizada, respirando por um bucal, com clipe nasal e apoio manual bilateral nas bochechas. Inicialmente o paciente realiza de 3 a 8 respirações calmas em volume corrente e em seguida é instruído a realizar movimentos respiratórios rápidos e superficiais mantendo um ritmo entre 60 e 180 respirações por minuto. Nessa fase de respiração rápida é que ocorre a oclusão e liberação do fluxo como descrito anteriormente. Após essa respiração rápida inicial, ainda na mesma manobra, sem remover o paciente do bucal, é realizada uma manobra espirométrica de capacidade vital lenta (CVL) para avaliação da capacidade inspiratória (CI) e cálculo da CPT e do volume residual (VR) [25,26,27]. Desses valores são derivados índices que refletem o aprisionamento aéreo quando a relação VR/CPT se encontra aumentada e a hiperinsuflação quando a relação CI/CPT se encontra diminuída.

2.2.5 Pressões respiratórias máximas

A força muscular respiratória (FMR) pode ser diretamente medida através das pressões respiratórias máximas (PRM) obtidas de forma simples com um manuvacuômetro portátil, que pode ser analógico ou digital. Trata-se de um teste que exige colaboração do indivíduo e esforço máximo sendo, portanto, um teste geralmente cansativo para pacientes com doença pulmonar[28,29].

A técnica utilizada foi descrita anteriormente por Black and Hyatt[30] e deve ser executada com o paciente na posição sentada, utilizando um clipe nasal e um bucal rígido de 25mm de diâmetro interno com um orifício distal de 2mm que tem por objetivo prevenir que os músculos faciais exerçam pressão significativa.

A pressão inspiratória máxima (PImáx) é medida a partir do VR após expiração máxima e a pressão expiratória máxima (PEmáx) a partir da CPT após inspiração máxima. Em ambas as manobras a pressão máxima deve ser sustentada por no mínimo 1 segundo e, assim como na espirometria, deve obedecer critérios de aceitabilidade e reprodutibilidade. A indicação de fraqueza depende da comparação dos valores obtidos com valores de referência para a população[24].

Em pacientes com DPOC menores valores de PImáx podem estar associados a volumes pulmonares aumentados devido à hiperinsulflação e ao aprisionamento aéreo. Essas disfunções colocam o principal músculo da inspiração, o diafragma, em desvantagem mecânica, com suas fibras encurtadas e aplainamento de suas cúpulas, o que diminui sua excursão e consequentemente a pressão gerada[28].

Por ser um teste acessível e de fácil aplicação inclusive a beira leito, os valores das PRM são muito usados na prática clínica para confirmar e acompanhar a progressão de disfunções musculares em diversas condições, doenças neurodegenerativas, miopatias, avaliações pré e pós operatórias de doenças pulmonares, desmame de ventilação mecânica invasiva, entre outros[29].

2.3 Avaliação da dispneia, capacidade funcional de exercício, estado funcional e qualidade de vida na DPOC

Considerando a necessidade de uma avaliação abrangente para o paciente com DPOC, é importante lembrar que a doença cursa com comprometimento pulmonar, mas também com manifestações sistêmicas, que decorrem do estresse oxidativo, inflamação sistêmica e consequente disfunção da musculatura esquelética. Essas alterações podem levar à piora dos sintomas respiratórios bem como perda de peso, disfunções dos músculos periféricos e respiratórios, diminuição da capacidade de exercício, prejuízo na qualidade de vida e um estilo de vida sedentário, o que resulta em pior prognóstico e sobrevida[7,22,31].

2.3.1 Dispneia

A dispneia é o sintoma mais característico da doença e uma das principais causas da diminuição da atividade física na vida diária (AFDV). Os pacientes frequentemente relatam esse sintoma como falta de ar, fome de ar, cansaço para respirar ou peso no peito[3,6].

O mecanismo gerador da dispneia é multifatorial, complexo e não totalmente esclarecido pela literatura. Alguns estudos indicam que os principais fatores desencadeantes da dispneia são a demanda ventilatória aumentada, juntamente com o comprometimento da mecânica respiratória[23,32]. Fatores psicológicos como a ansiedade e a depressão, cuja alta incidência nos indivíduos com DPOC tem sido ressaltada, também podem influenciar esse sintoma, além de causar maior impacto na qualidade de vida e na adesão aos tratamentos[33-35].

Um dos instrumentos mais utilizados para a avaliação da dispneia é a versão modificada da escala *Medical Research Council* (mMRC). Composta por apenas 5 itens que descrevem a sensação de falta de ar em atividades cotidianas, a mMRC fornece uma classificação do sintoma que vai de 0 a 4, sendo 0 a dispneia desencadeada apenas em atividades extenuantes e 4 a dispneia limitante aos mínimos esforços ou em repouso[36]. Essa escala é um instrumento de fácil acesso e aplicação, é validada para a população com DPOC e tem boa associação com medidas de estado de saúde e mortalidade[3,37].

2.3.2 CAPACIDADE FUNCIONAL DE EXERCÍCIO

Um desfecho reconhecidamente preditor de mortalidade na DPOC e que se correlaciona mais fortemente com a AFVD de pacientes com DPOC[25] é a capacidade funcional de exercício. O teste mais amplamente utilizado na prática clínica e nas pesquisas para avaliar esse desfecho é o teste de caminhada de seis minutos (TC6min), que tem se mostrado um bom marcador de piora na capacidade funcional do exercício e um bom parâmetro para avaliar respostas terapêuticas[38,39].

De acordo com o estabelecido pelas diretrizes internacionais[40] para a realização do TC6min, o paciente é orientado a caminhar durante seis minutos a maior distância possível, sem correr, em uma pista plana de 30 metros e recebe incentivos verbais padronizados para persistir na caminhada. É permitido ao paciente automodular a velocidade da caminhada, bem como parar para descansar durante o percurso, porém o cronômetro não é parado. A maior distância percorrida em metros é o desfecho principal do teste. Devido ao efeito aprendizado é recomendado a realização de dois testes, com um intervalo mínimo 30 minutos entre eles, ou até que os sinais vitais retornem aos valores basais estáveis, considerando-se para anállise o teste de maior valor.

Estudos realizados com amostras da população brasileira mostraram que a média da maior distância percorrida no TC6 para essa população é cerca de 500m, acima da média de populações européias e norte americanas[39,41]. Assim, não é aplicável para pacientes brasileiros o ponto de corte de 350m estabelecido na literatura como baixa capacidade funcional de exercício, sendo mais adequada a aplicação do corte de >80% do predito para classificar a capacidade funcional do exercício como preservada, sendo que pacientes que apresentam TC6<80% do predito tem maior risco de exacerbações[41].

2.3.3 ESTADO FUNCIONAL

A estreita relação entre estado funcional, morbidade e mortalidade em pacientes com DPOC ressalta a importância da avaliação adequada das limitações funcionais causadas pela doença e seus sintomas. Para isso existem instrumentos traduzidos e validados para a população brasileira com DPOC, como o *Pulmonary Functional Status and Dyspnea Questionnaire* (PFSDQ). Esse questionário avalia três domínios: influência da dispneia na atividade de vida diária (AVD), influência da fadiga na AVD e a mudança na AVD em comparação ao período anterior à doença. A avaliação é auto-relatada e uma pontuação parcial é calculada para cada domínio, variando de 0 a 100, além de uma pontuação total que varia, portanto, entre 0 e 300. Valores mais altos indicam maior limitação e pior estado funcional[36].

2.3.4 QUALIDADE DE VIDA

Outro desfecho importante na avaliação da DPOC é a qualidade de vida (QV) que se encontra altamente afetada pelas limitações e ansiedade impostas aos indivíduos principalmente devido ao sintoma de dispneia. Com o propósito de avaliar objetivamente a QV foi desenvolvido o *COPD Assessment Test* (CAT). Trata-se de um instrumento de aplicação rápida e prática, composto por 8 itens pontuados de 0 a 5 a respeito dos sintomas (tosse, secreção, pressão no peito, dispneia, limitação na AVD, confiança, sono e energia) e o impacto destes na vida do paciente. O questionário oferece uma classificação numérica do impacto da doença na qualidade de vida sendo que 0-10 representa nenhum impacto, 11-20 leve, 21-30 moderado e 31-40 alto impacto na QV. O total, portanto, pode variar de 0 a 40 com maiores valores indicando pior qualidade de vida[3,42-44].

Em suma, algumas pesquisas apontam que o VEF_1 tem associação limitada com vários desfechos clínicos na DPOC[4,6,7], enquanto estudos anteriores indicaram que a VVM, diferentemente, pode estar melhor associada com essas variáveis[4,5]. A VVM conta com pouca investigação científica sobre sua utilização na prática e na pesquisa, porém pode fornecer informações relevantes sobre a disfunção ventilatória de pacientes com DPOC, justificando, assim, a busca por novas evidências sobre essa medida.

3 ARTIGO ORIGINAL

Formatado de acordo com as normas do periódico *Respiratory Medicine.*

MAXIMUM VOLUNTARY VENTILATION AND ITS RELATIONSHIP WITH CLINICAL OUTCOMES IN PATIENTS WITH COPD.

Ana C. Andrello[1], Leila Donaria[1], Larissa A. de Castro[1], Letícia F. Belo[1], Lorena P. Schneider[1], Felipe VC Machado[1], Marcos Ribeiro[1], Vanessa S. Probst[2], Nidia A. Hernandes[1], Fabio Pitta[1].

[1]Laboratory of Research in Respiratory Physiotherapy, Physiotherapy Department, State University of Londrina, Londrina, Brazil.
[2]Center of Research and Post-Graduation, State University of Londrina, Londrina, Brazil.

Conflicts of interest
All authors declare that they have no conflict of interest.

Financial support:
ACA, LFB and LPS are supported by the Coordination for the Improvement of Higher Education Personnel (CAPES), Brazil. VSP and FP are supported by the National Council for Technological and Scientific Development (CNPq), Brazil.

Corresponding Author:
Prof. Dr. Fabio Pitta
Department of Physiotherapy, Hospital Universitário de Londrina
Av. Robert Koch, 60 - Vila Operária, 86038-350 - Londrina, Paraná, Brazil.
E-mail: fabiopitta@uol.com.br

ABSTRACT

INTRODUCTION: The forced expiratory volume in the first second (FEV_1) is a spirometric variable frequently used to classify the degree of airway obstruction and also as a marker of prognosis and predictor of other disease outcomes. However, the FEV_1 is not strongly correlated with some clinical outcomes such as dyspnea, functional exercise capacity and quality of life. Previous studies have shown that Maximal Voluntary Ventilation (MVV) may be better associated than the FEV_1 with commonly used outcomes in the evaluation of COPD and may provide useful information on respiratory mechanics and endurance. **AIMS:** To investigate the relationship between MVV and clinical outcomes in COPD and additionally to verify whether MVV predicts these outcomes better than the $FEV_{1.}$ **METHODS:** This was a cross-sectional study involving individuals diagnosed with COPD assessed before entering a pulmonary rehabilitation program. They were submitted to assessment of lung function by spirometry, maximal inspiratory and expiratory pressures (MIP and MEP, respectively) by manuvacuometry, functional exercise capacity by the six-minute walk test (6MWT), dyspnea by the modified Medical Research Council (mMRC) scale, functional status by the modified Pulmonary Functional Status and Dyspnea Questionnaire (PFSDQ-m) and health status by the COPD Assessment Test (CAT). Correlations were verified by Spearman's coefficient and stepwise multiple linear regression models involving the correlated variables were used to check the predictors of clinical outcomes considering MVV, FEV_1 and anthropometric variables. **RESULTS:** The study included 157 subjects (82 males; median [interquartile range] of age 66 [61-73] years, BMI 27 [22-31] kg/m^2,, FEV_1 46 [33-57] %predicted, 6MWT 86 [76-96] %predicted, PFSDQ-m total score 34 [14-57] and CAT total score 13 [7-19] . Moderate and statistically significant correlations were found between MVV and MIP (r=0.40), 6MWT (r=0.50), mMRC (r=-0.56) and total scores of PFSDQ-m (r=-0.40) and CAT (r=-0.54) *(P*<0.001 for all). These correlations were generally stronger with MVV than with FEV_1. In the regression models, unlike $FEV_{1,}$ MVV appeared as a predictor of almost all clinical outcomes, except for a few CAT domains. **CONCLUSION:** MVV correlates moderately with several clinical outcomes used in the evaluation of individuals with COPD. MVV was also shown as a better predictor than the FEV_1 concerning respiratory muscle strength, functional exercise capacity, dyspnea, functional and health status. Therefore, there is rationale to integrate the assessment of MVV into clinical practice and research.

Key words: Chronic Obstructive Pulmonary Disease, Maximum Voluntary Ventilation, Health Status, Exercise.

INTRODUCTION

Chronic obstructive pulmonary disease (COPD) is a major problem of global public health, which assumes nowadays the fourth position among causes of death, leading to great socioeconomic impact and affecting the quality of life of many patients. Recent studies have shown that, in Brazil, the prevalence of the disease varies between 6% and 15% in adults over 40[1-5].COPD is mainly caused by prolonged exposure to tobacco and other harmful particles[2,3]. The main pulmonary symptoms of the disease are dyspnea, chronic cough and increased sputum production, along with extrapulmonary manifestations such as fatigue, muscle dysfunction, reduction in functional exercise capacity and sedentary lifestyle[2,3,6,7].

The diagnostic confirmation of COPD is given by the clinical history along with spirometry, which provides quantification of forced vital capacity (FVC) and forced expiratory volume in one second (FEV_1). FEV_1 is the variable most widely used in research and clinical practice to classify the degree of airflow obstruction in COPD, in addition to its use as prognostic factor and in therapeutic drug response[3,4,5]. However, there is limited correlation of FEV_1 with important outcomes in COPD such as dyspnea, functional exercise capacity and quality of life[8-10]. For this reason, a few studies[11-14] have called attention to other disease markers which correlate best with these variables.

Maximum voluntary ventilation (MVV) is a simple spirometric parameter not commonly explored in the scientific literature, and which has been recently even less explored with the emerging of new methods of lung function assessment. It is a test that evaluates the maximum amount of air a person can inhale and exhale voluntarily in a given period of time. This measure provides information on respiratory muscle mechanics and endurance, which are involved in the mechanism of dyspnea and exercise limitation in these patients[15-18].

The hypothesis tested in this study is that MVV can predict better than the FEV_1 the overall impairment of patients with COPD since it reflects the overall function of the respiratory system and not only the airflow obstruction. In this context, the objective of the present study was to investigate the relationship of MVV with clinical outcomes in this population and, additionally, to verify if MVV is a better predictor of these outcomes than FEV_1.

MATERIALS AND METHODS

This was a cross-sectional study using data from the baseline assessment of individuals with COPD recruited to participate in a pulmonary rehabilitation (PR) program at the University Hospital of State University of Londrina (UEL), Paraná, Brazil. For inclusion, individuals must have a diagnosis of COPD according to the GOLD criteria[3] and clinical stability in the last three months before inclusion, as well as not having participated in any rehabilitation or exercise program in the last year and not presenting any severe cardiovascular disease or musculoskeletal impairment that could potentially limit the tests. Exclusion criteria were the inability to perform the proposed tests or exacerbation occurred during the evaluation protocol. The study was approved by UEL's Ethics Committee and all participants signed an informed consent form.

ASSESSMENTS

Anthropometrics, lung function and respiratory muscle strength

At the first meeting, personal demographic and anthropometric data were collected, as well as information on comorbidities and history of exacerbations. Additionally, patients were also assessed regarding pulmonary function pre and post-bronchodilator (post-BD) using a portable spirometer (SpirobankG®, MIR, Italy). The protocol followed the guidelines of the American Thoracic Society (ATS)/European Respiratory Society (ERS)[15,19]. Reference values were those from Pereira et al[20] for the Brazilian population. Post-BD measurements were used for the analysis .

Plethysmography was performed in part of the sample using the equipment Vmax® (Carefusion, Germany), also according to the ATS/ERS guidelines[24.] It was not possible to perform plethysmography in the complete sample due to the unavailability of the equipment for a period of time.

Respiratory muscle strength was also assessed at the first visit by the maximum inspiratory and expiratory pressures (MIP and MEP, respectively), using a digital manometer (MVD300®, Globalmed, Brazil). Assessment was performed according to the technique described by Black & Hyatt[21] and Brazilian guidelines[22]. Brazilian reference values of Neder et al[23] were used.

All tests were performed with the patient in the seated position, using a nose clip and oriented to keep the lips well coupled avoiding leakage. Patients should also keep feet supported, hands resting on the thigh and upright posture without compensations during the execution of the maneuvers. For all tests individuals received detailed instruction with practical demonstration and standardized verbal encouragement.

Functional exercise capacity

In the second visit, functional exercise capacity was assessed using the six-minute walk test (6MWT), according to international guidelines[25] and reference values of Britto et al.[26] for the Brazilian population. Patients were instructed to walk the farthest possible distance (without running) on a flat corridor of 30 meters for 6 minutes and received standardized verbal encouragement every minute. The subject was allowed to stop during the course, but the stopwatch was not interrupted. Due to the learning effect, two tests were performed, with a minimum interval of 30 minutes between them, or until the vital signs returned to baseline[25]. The largest distance from the two tests was used for analysis.

Dyspnea in daily life

The modified Medical Research Council scale (mMRC)[27,28] was used to assess dyspnea in daily life. The scale consists of 5 items that describe the sensation of dyspnea in daily activities, and provides the rating from 0 to 4, where 0=dyspnea triggered only in stenuous activities and 4=limiting dyspnea on minimal exertion or at rest.

Functional status

For the evaluation of functional status the modified version of the Pulmonary questionnaire Functional Status and Dyspnea Questionnaire (PFSDQ-m) was applied. It assesses three self-reported domains: influence of dyspnea on activities of daily living (ADL), influence of fatigue on ADL and change in ADL in comparision to the period prior to the disease. A partial score is calculated for each domain, ranging from 0 to 1 00, and a total score sums up the three domains, going up to 300, with higher values indicating worse functional status[27,29,30].

Health status

The COPD Assessment Test (CAT), composed by 8 itens scored from 0 to 5, reflected the impact of the disease on health status, with 0-10 representing no impact, 11-20 mild, 21-30 moderate, and 31-40 high impact. The total score varies from 0 to 40, with higher values indicating worse health status[30,31,32].

STATISTICAL ANALYSIS

Normality in data distribution was verified by the Shapiro-Wilk test and the results described in mean ± standard deviation (SD) or median and interquartile range [25%-75%], depending on normal distribution. All variables were correlated with MVV by using the Spearman's correlation coefficient and, for the variables that presented significant correlations, multivariate linear regression models were used to verify the predictors of each clinical outcome taking into consideration the MVV, FEV_1 and the anthropometric variables age, gender, weight and height (as a way to exclude possible confounding factors) . The software used for the analysis were SPSS 22.0 (SPSS Inc. USA) and GraphPad Prism 6.0 (GraphPad Software, California). Statistical significance was set as $P<0.05$.

RESULTS

The analysis included data from 157 subjects who, in general, had normal weight to overweight, moderate to severe airflow obstruction, decreased inspiratory muscle strength, relatively preserved functional exercise capacity, good functional status and moderate clinical impact on health status, as shown in Table 1. A sub-analysis was performed with data available from 37 individuals regarding static lung volumes evaluated by body plethysmography. The characterization of this sample is also found in Table 1.

Table 2 shows the correlations of MVV and FEV_1 with weight, height, comorbidities, BODE index, MIP, MEP,, 6MWT, lung volumes, dyspnea, functional status and health status. There were weak to moderate and statistically significant correlations of both MVV and FEV1 with most of the outcomes analyzed except TLC and RV volumes, and the CAT domains chest pressure and sleep.

Table 1. Characterization of the sample.

VARIABLES			
Gender M/F (%)	82/75 (52/48)	**IC/TLC (n=37)**	38 [32-44]
Age (years)	66 [61-73]	**RV/TLC (n=37)**	52 [46-60]
Weight (Kg)	69 [55-79]	**MVVindex/(FEV_1x40)**	0.9 [0.8-1.1]
Height (m)	1.5 [1.53-1.67]	**MIP (cmH_2O)**	65 [50-80]
BMI (kg/m^2)	27 [22-31]	**MIP (%Predicted)**	75 [56-90]
nComorbidities (n=144)	1 [0-2]	**MEP (cmH_2O)**	95 [75-123]
Comorbidities S/N (%)	90/54 (62/38)	**MEP (%Predicted)**	103 [85-126]
GOLD I/II/III/IV	1/68/57/31	**6MWT (m)**	465 [410-513]
BODE Index	4 [2-5]	**6MWT (%Predicted)**	86 [76-96]
FVC (L)	2.2 [1.7- 2.9]	**mMRC**	3 [1-3]
FVC (%Predicted)	72 [55-84]	**PFSDQ-m Dyspnea**	11 [5-20]
FEV_1 (L)	1.10 [0.81-1.55]	**PFSDQ-m Fatigue**	10 [3-8]
FEV_1 (%Predicted)	46 [33-57]	**PFSDQ-m Activities**	10 [3-23]
FEV_1/FVC (%)	52 [42-62]	**PFSDQ-m Total (n=65)**	34 [14-57]
MVV (L/min)	42 [27-59]	**CAT Cough**	2 [1-3]
MVV (% Predicted)	42 [27-55]	**CAT Secretion**	2 [1-4]
Estimated MVV (L/min)*	57 [46-74]	**CAT Chest pressure**	0 [0-2]
TLC (L) (n=37)	6.85 [5.90-7.50]	**CAT Shortness of breath**	3 [2-5]
TLC (%Predicted)	121 [110-135]	**CAT ADL Limitation**	2 [0-4]
IC (L) (n=37)	2.62 [2.03-3.23]	**CAT Trust**	0 [0-3]
IC (%Predicted)	117 [94-129]	**CAT Sleep**	0 [0-2]
RV (L) (n=37)	3.57 [2.62-4.59]	**CAT Energy**	2 [0-3]
RV (%Predicted)	156 [129-220]	**CAT Total (n=76)**	13 [7-19]

N=157 unless otherwise noted. BMI: body mass index; FVC: forced vital capacity; FEV_1: forced expiratory volume in the first second; MVV: maximum voluntary ventilation; TLC: total lung capacity; IC: inspiratory capacity; RV: residual volume; MIP: maximal inspiratory pressure; MEP: maximum expiratory pressure; 6MWT: six-minute walk test; mMRC: Modified version of the Medical Research Council scale; PFSDQ-m: Pulmonary Functional Status and Dyspnea Questionnaire modified version, CAT: COPD Assessment Test; ADL: daily life activity. *Estimated MVV=(FEV_1x37.5)+15

Table 2. Correlations of clinical outcomes with MVV and FEV_1.

	MVV (L/min)	FEV_1 (L)		MVV (L/min)	FEV_1 (L)
Weight (Kg)	0.38**	0.38**	**PFSDQ-m Dyspnea**	-0.44**	-0.43**
Height (m)	0.31**	0.31**	**PFSDQ-m Fatigue**	-0.35**	-0.30*
BODE Index	-0.73**	-0.75**	**PFSDQ-m Activities**	-0.30*	-0.25*
nComorbidities	-0.25**	-0.19*	**PFSDQ-m Total**	-0.40*	-0.36*
MIP (cmH_2O)	0.40**	0.31**	**CAT Cough**	-0.30*	-0.31**
MEP (cmH_2O)	0.34 **	0.28**	**CAT Secretion**	-0.33**	-0.34**
6MWT (m)	0.50**	0.46**	**CAT Chest pressure**	-0.14	-0.12
TLC (L)	0.24	0.28	**CAT Shortness of breath**	-0.46**	-0.41**
IC (L)	0.67**	0.65**	**CAT ADL Limitation**	-0.50**	-0.44**
RV (L)	-0.09	-0.03	**CAT Trust**	-0.47**	-0.36**
IC/TLC	0.48**	0.45**	**CAT Sleep**	-0.07	-0.09
RV/TLC	-0.56**	-0.53**	**CAT Energy**	-0.29**	-0.28*
mMRC	-0.56**	-0.50**	**CAT Total**	-0.54**	-0.49**

FEV_1: forced expiratory volume in the first second; MVV: maximum voluntary ventilation; TLC: total lung capacity; IC: inspiratory capacity; RV: residual volume; MIP: maximal inspiratory pressure; MEP: maximum expiratory pressure; 6MWT: six-minute walk test; mMRC: modified version of the Medical Research Council scale; PFSDQ-m: Pulmonary Functional Status and Dyspnea Questionnaire modified version, CAT: COPD Assessment Test; ADL: activity of daily life. *P <0.05; **P <0.001.

Considering only the magnitude of the correlations, it was observed that for most of the outcomes MVV was shown to be better associated than the FEV_1 (even if slightly), except for the BODE index and CAT domains Cough and Secretion that presented slightly higher correlation values with FEV_1 .

Table 3 shows the results of the linear regression for 6MWT, MIP and MEP. In Table 4 the results of the regression models for mMRC, PFSDQ-m and CAT are presented.

Table 3. Multiple linear regression for respiratory muscle strength and functional exercise capacity.

		Non standardized coefficient (β)	**95% confidence interval for β**	***P***	**r^2 partial (%)**	**r^2 adjusted (%)**
6MWT	Constant	662.35	550 - 774	<0.001		
	MVV (L/min)	2.06	1.54 - 2.57	<0.001	23	23
	Age (years)	-3.16	-4.57 - -1.76	<0.001	30	29
	BMI (kg/m^2)	-3.41	-5.35 - 1.45	0.001	35	34
MIP	Constant	90.26	61.35 -119.18	<0.001		
	MVV (L/min)	0.40	0.25 - 0.56	<0.001	15	14
	Age (years)	-0.64	-1.06 - -0.21	0.003	20	19
MEP	Constant	122.67	78 - 167	<0.001		
	MVV (L/min)	0.84	0.41 - 1.27	<0.001	17	17
	Gender	27.12	17.31-36.43	<0.001	26	25
	Age (years)	-1.20	-1.76 - -0.63	<0.001	33	32
	BMI (kg/m^2)	1.18	0.41 - 1.95	0.003	37	35
	FEV_1 (L)	-22.47	-41.83 - 3.11	0.023	39	37

6MWT: six-minute walk test; MIP: maximal inspiratory pressure; MEP: maximum expiratory pressure; MVV: maximum voluntary ventilation; FEV_1: forced expiratory volume in the first second; BMI: body mass index.

It can be observed in Tables 3 and 4 that, unlike FEV_1, the MVV appears as a predictor of almost all the analyzed outcomes.

Table 4. Multiple linear regression for dyspnea, functional status and health status.

		Non standardized coefficient (β)	95% confidence interval for β	*P*	r^2 partial (%)	r^2 adjusted (%)
mMRC	Constant	3.54	3.18 - 3.90	<0.001		
	MVV (L/min)	-0.03	-0.03 - -0.02	<0.001	28	28
PFSDQ-m dyspnea	Constant	59.43	37.05 - 81.82	<0.001		
	Age (years)	-0.55	-0.88 - -0.23	0.001	14	12
	MVV (L/min)	-0.19	-0.31 - -0.07	0.002	27	24
PFSDQ-m fatigue	Constant	44.43	19.86 - 69	0.001		
	MVV (L/min)	-0.15	-0.28 - -0.03	0.019	8	7
	Age (years)	-0.37	-0.73 - -0.02	0.039	14	11
PFSDQ-m activities	Constant	64.13	32.02 - 96.25	<0.001		
	Age (years)	-0.62	-1.08 - -0.15	0.010	9	8
	MVV (L/min)	-0.17	-0.34 - -0.01	0.041	15	13
PFSDQ-m Total	Constant	168	94.77 - 241.24	<0.001		
	Age (years)	-1.55	-2.62 - -0.48	0.005	12	10
	MVV (L/min)	-0.52	-0.91 - -0.14	0.008	19	17
CAT Cough	Constant	3.17	2.40 - 3.93	<0.001		
	MVV (L/min)	-0.22	-0.038 - -0.007	0.004	10	10
CAT Secretion	Constant	3,80	2.77 - 4.85	<0.001		
	MVV (L/min)	-1,28	-2.08 - -0.47	0.002	12	11
CAT Shortness of breath	Constant	9.39	6.52 - 12.27	<0.001		
	MVV (L/min)	-0.32	-0.47 - -0.02	<0.001	17	16
	Age (years)	-0.07	-0.11 - -0.03	0.001	2 8	26
CAT ADL Limitation	Constant	8.58	5.28 - 11.89	<0.001		
	MVV (L/min)	-0.04	-0.06 - -0.02	<0.001	22	21
	Age (years)	-0.07	-0.11 - -0.02	0.005	30	28
CAT Trust	Constant	7.08	3.94 - 10.21	<0.001		
	MVV (L/min)	-0.04	-0.05 - -0.02	<0.001	19	18
	Age (years)	-0.06	-0.11 - -0.02	0.006	27	25
CAT Energy	Constant	2.78	1.91 - 3.65	<0.001		
	MVV (L/min)	-0.02	-0.04 - -0.01	0.010	8	7
CAT Total	Constant	42.76	28.15 - 57.37	<0.001		
	MVV (L/min)	-0.20	-0.28 - -0.13	<0.001	26	25
	Age (years)	-0.28	-0.49 - -0.07	0.010	33	31

FEV_1: forced expiratory volume in the first second ; MVV: maximum voluntary ventilation; mMRC: modified version of the Medical Research Council scale; PFSDQ-m: Pulmonary Functional Status and Dyspnea Questionnaire modified version, CAT: COPD Assessment Test; ADL: activities of daily living .

DISCUSSION

Both traditionally and currently, the FEV_1 is the most commonly used pulmonary function variable for classification of disease severity and as a predictor of prognosis in patients with COPD. The results presented here show that MVV correlates equally or even better than FEV_1 with outcomes of dyspnea, exercise capacity, functional status and health status in patients with COPD, showing itself as a predictor of variation in these outcomes also in regression models indicating that the MVV is a better predictor of these clinical outcomes than the FEV_1. The explanation for these results may be contained in the fact that, while the FEV_1 basically reflects the airflow limitation, the MVV additionally reflects the available ventilatory reserve to respond to the increase in the physiological demand during exertion[7,8,9].

A study by Rocha et al.[12] assessed the diaphragmatic mobility (DM) of 25 individuals with COPD comparing with 25 matched controls and found reduced DM in individuals with COPD, as well as strong correlations of DM with IC (r=0.81) and with MVV (r=0.76), suggesting that the change in DM in COPD is more associated with hyperinflation and with ventilatory capacity than with the obstruction itself, and consequently also more related to the sensation of dyspnea.

These results can also be pointed out in the present study where moderate positive correlations of MVV were found with IC (r=0.67) and IC/TLC (r=0.48), in addition to moderate and negative correlations with the mMRC scale (r=-0.56) and the PFSDQ-m dyspnea domain (r=-0.44). These values reflect the association of better respiratory mechanics and endurance with lower hyperinflation and less dyspnea sensation.

A study by Yamaguti et al.[14] found a stronger correlation of decrease in DM with indicators of air trapping and ventilatory capacity than with hyperinflation. The present study, in addition to showing a stronger association between hyperinflation and ventilatory capacity, also found a moderate negative correlation of MVV and the RV/TLC ratio, which reflects air trapping.

A study by Pitta et al.[10] demonstrated that MVV correlates better than FEV_1 with the energy expenditure evaluated in daily life with physical activity monitors. In addition, a study by Cavalheri et al.[11] assessed the energy expenditure of individuals with COPD during ADL simulations and also found a better correlation of this outcome with MVV in comparison to FEV_1, FVC and RMS. These results indicate that MVV may reflect the capacity of response to increased respiratory demand and, therefore, also its influence on the physical activity levels of these patients. The present study corroborate and complements these findings, presenting moderate and significant correlations of MVV with the 6MWT, which is already established as an independent predictor of mortality in COPD and is also well associated with PADL levels in this population[33,34]. Furthermore, the correlations with RMS reinforce MVV as a broader measure of the respiratory system than just the degree of airflow obstruction by the $FEV_{1.}$ In this way, the associations demonstrated in this study support the value of MVV as a possible marker of the disease involvement. Thus, the present results reinforce the importance of this test in the comprehensive lung function evaluation in order to assist the assessment of the impact of physical and functional limitation, as well as symptoms' impact on patient's activities, caused by respiratory and systemic dysfunctions that are part of the complex process which triggers exertional dyspnea.

Dugan et al.[32] demonstrated improvement in MVV after a PR program composed by aerobic exercise and upper limb strength exercises, whereas FEV_1 did not improve significantly. The study also showed that, after PR, there was no improvement in quality of life of patients with COPD compared to a control group that received usual care, and suggests the hypothesis that PR promotes the improvement of respiratory muscular strength and endurance, leading to a greater sense of comfort for the individuals in the execution of their daily activities with consequent better perception of quality of life. This study supports this hypothesis by showing best correlation between mMRC, PFSDQ-m and CAT scores with the MVV than with $FEV_{1.}$ This reinforces that MVV is more associated then the degree of obstruction with the sensation of dyspnea, functional limitation and quality of life.

The improvement of MVV (and not necessarily FEV_1) in Dugan's study[32] may reflect a patient's improvement in their daily life after PR, allowing less limitation due to dyspnea, greater functional reserve, improved performance on ADL and a better self-reported quality of life. These findings can contribute to the understanding of the disease complexity and promote improvement in the impact of dyspnea in COPD patients. However, these assumptions are hypothesis, and must be proven in longitudinal studies.

The present study presents as limitation the use of two different devices to perform spirometry. However, it is believed that this does not influence the results, since the technique used was the same, following strictly the standardization of the test proposed by international guidelines[15,19,22,24]. Another limitation is the fact that the sample had only one GOLD I patient and, in general, participants presented preserved functional exercise capacity and good functional status, which hinders the generalization of these results for all COPD severity levels.

In conclusion, MVV correlates with clinical outcomes in COPD, reflecting more widely the ventilatory dysfunction beyond chronic obstruction. In addition, MVV proved to be a better predictor than FEV_1 for functional exercise capacity, inspiratory muscle strength, dyspnea, functional status and quality of life in this population. Therefore, it is recommended that this test must be integrated into clinical practice and research assessments, and that the search for more evidence and standardization should be encouraged.

AKNOWLEDGEMENTS

We thank the components of the Laboratory of Research in Pulmonary Physiotherapy (LFIP) for their support in data collection, study development and analysis, and also the patients for accepting the invitation to participate in the study, making it possible.

REFERENCES

1. World Health Organization (WHO). Chronic Respiratory Disease - Burden of COPD. [internet] Avaliable in: http://www.who.int/respiratory/copd/burden. Last access: Oct 2018.

2. Sociedade Brasileira de Pneumologia e Tisiologia. II Consenso Brasileiro sobre Doença Pulmonar Obstrutiva Crônica-DPOC. *J Bras Pneumol* 2004; 30: 1–52.

3. Global Initiative for Chronic Obstructive Lung Disease (GOLD). Global Strategy for the Diagnosis, Management, and Prevention of Chronic Obstructive Pulmonary Disease. Updated 2018. Avaliable in: www.goldcopd.org. Last access: Oct 2018.

4. Lopes AJ, de Melo PL. Brazilian studies on pulmonary function in COPD patients: what are the gaps?. *Int J Chron Obstruct Pulmon Dis*. 2016; 11:1553-67.

5. Moreira GL, Gazzotti MR, Manzano BM, et al. Incidência de doença pulmonar obstrutiva crônica com base em três critérios diagnósticos espirométricos em São Paulo, Brasil: Seguimento de nove anos após o estudo de prevalência PLATINO. *Sao Paulo Med J* 2015; 133: 245–251.

6. Lim KE, Kim SR, Kim HK, et al. Symptom Clusters and Quality of Life in Subjects With COPD. *Respir Care*. 2017; 62(9):1203-1211.

7. Ofir D, Laveneziana P, Webb KA, et al. Mechanisms of Dyspnea during cycle exercise in symptomatic patients with GOLD stage I chronic obstructive pulmonary disease. *Am J Respir Crit Care Med*. 2008; 177(6):622-9.

8. Barusso MS, Gianjoppe-Santos J, Basso-Vanelli RP, et al. Limitation of Activities of Daily Living and Quality of Life Based on COPD Combined Classification. *Respir Care* 2015; 60: 388–398.

9. Pereira E, Pinto R, Alcantara M, et al. Influence of respiratory function parameters on the quality of life of COPD patients. *J Bras Pneumol* 2009; 35: 730–736.

10. Pitta F, Takaki MY, Oliveira NH d., et al. Relationship between pulmonary function and physical activity in daily life in patients with COPD. *Respir Med* 2008; 102: 1203–1207.

11. Cavalheri V, Hill K, Donaria L, et al. Maximum voluntary ventilation is more strongly associated with energy expenditure during simple activities of daily living than measures of airflow obstruction or respiratory muscle strength in patients with COPD. *Chron Respir Dis* 2012; 9: 239–240

12. Rocha FR, Karla A, Brüggemann V, et al. Relação da mobilidade diafragmática com função pulmonar , força muscular respiratória , dispneia e atividade física de vida diária em pacientes com DPOC. *J Bras Pneumol* 2017; 43: 32–37.

13. Souza RMP, Cardim AB, Maia TO, et al. Inspiratory muscle strength, diaphragmatic mobility, and body composition in chronic obstructive pulmonary disease. *Physiother Res Int* 2019; e1766.

14. Dos Santos Yamaguti WP, Paulin E, Shibao S, et al. Air trapping: The major factor limiting diaphragm mobility in chronic obstructive pulmonary disease patients. *Respirology* 2008; 13: 138–144.

15. Miller MR, Hankinson J, Brusasco V, et al. Standardisation of spirometry. *Eur Respir J* 2005; 26(2):319-38.

16. Dillard TA, Hnatiuk OW, McCumber TR. Maximum Voluntary Ventilation: Spirometric Determinants in Chronic Obstructive Pulmonary Disease Patients and Normal Subjects. *Am Rev Respir Dis.* 1993; 147(4):870-5.

17. Polkey MI, Kyroussis D, Hamnegard CH, et al. Diaphragm performance during maximal voluntary ventilation in chronic obstructive pulmonary disease. *Am J Respir Crit Care Med.* 1997; 155(2):642-8.

18. Pellegrino R, Viegi G, Brusasco V, et al. Interpretative strategies for lung function tests. *Eur Respir J*. 2005; 26(5):948-68.

19. Sociedade Brasileira de Pneumologia. Diretrizes para Testes de Função Pulmonar. *J Pneumol* 2002; 28 (supl3):1-82.

20. Pereira CAC, Sato T, Rodrigues SC. New reference values for forced spirometry in white adults in Brazil. *J Bras Pneumol* 2007; 33: 397–406.

21. Black LF, Hyatt RE. Maximal respiratory pressures: normal values and relationship to age and sex. *Am Rev Respir Dis* 1969; 99(5): 696-702.

22. Souza RB. Pressões respiratórias estáticas máximas. *J. bras. pneumol* 2002; 28(Sup3): 155-165.

23. Neder JA, Andreoni S, Lerario MC, et al. Reference values for lung function tests. II. Maximal respiratory pressures and voluntary ventilation. *Brazilian J Med Biol Res*. 1999.

24. Wanger J, Clausen JL, Coates A, et al. Standardisation of the measurement of lung volumes. *Eur Respir J* 2005; 26: 511–522.

25. Holland AE, Spruit MA, Troosters T, et al. An official European respiratory society/American thoracic society technical standard: Field walking tests in chronic respiratory disease. *Eur Respir J* 2014; 44: 1428–1446.

26. Britto RR, Probst VS, Dornelas De Andrade AF, et al. Reference equations for the six-minute walk distance based on a Brazilian multicenter study. *Brazilian J Phys Ther* 2013; 17: 556–563.

27. Kovelis D, Segretti NO, Probst VS, Lareau SC, Brunetto AF, Pitta F. Validation of the Modified Pulmonary Functional Status and Dyspnea Questionnaire and the Medical Research Council scale for use in Brazilian patients with chronic obstructive pulmonary disease. *J. Bras. Pneumol.* 2008, 34(12):1008-1018.

28. Bestall JC, Paul EA, Garrod R, Garnham R, Jones PW, Wedzicha JA. Usefulness of the Medical Research Council (MRC) dyspnoea scale as a measure of disability in patients with chronic obstructive pulmonary disease. *Thorax.* 1999; 54(7): 581-6.

29. Lareau SC, Meek PM, Roos PJ. Development and testing of the modified version of the pulmonary functional status and dyspnea questionnaire (PFSDQ-M). Heart Lung. 1998; 27(3): 159-68.

30. Silva GPF, Morano MTAP, Viana CMS, Magalhaes CBA, Pereira EDB. Validacao do teste de avaliacao da DPOC em portugues para uso no Brasil. *J. Bras. Pneumol*. 2013; 39(4): 402-408

31. Jones PW, Harding G, Berry P, Wiklund I, Chen WH , Leidy NK. Development and first validation of the COPD Assessment Test. *Eur Respir J.* 2009, 34(3): 648-654.

32. Dugan D, Walker R, Monroe DA. The effects of 9-week program of aerobic and upper body exercise on the maximal voluntary ventilation of chronic obstructive pulmonary disease patients. *J Cardiopulm Rehabil*.1995; 15: 130–13.

33. Pitta F, Troosters T, Spruit MA, et al. Characteristics of Physical Activities in Daily Life in Chronic Obstructive Pulmonary Disease. *Am J Respir Crit Care Med* 2005; 171: 972–977.

34. Polkey MI, Spruit MA, Edwards LD, et al. Six-minute-walk test in chronic obstructive pulmonary disease: Minimal clinically important difference for death or hospitalization. *Am J Respir Crit Care Med* 2013; 187: 382–386.

4 CONCLUSÃO GERAL

O presente trabalho traz novos achados científicos que contribuem para a literatura científica a respeito da avaliação da função pulmonar em pacientes com DPOC, bem como para o estabelecimento de gravidade e prognóstico da doença. Demonstrou-se com esse estudo que a VVM é melhor preditora da dispneia, capacidade funcional de exercício, força muscular respiratória, estado funcional e qualidade de vida do que o VEF_1 em pacientes com DPOC. Recomenda-se que essa manobra esteja inserida nas triagens e avaliações periódicas dos pacientes, visto que sua realização pode contribuir para um melhor entendimento do quadro clínico apresentado pelos indivíduos com a doença.

Pode-se inferir, com os resultados apresentados sobre a VVM, que a sintomatologia da DPOC, a intolerância ao exercício e as limitações funcionais, bem como a qualidade de vida são influenciadas pelo desempenho da mecânica ventilatória e não somente pela obstrução crônica ao fluxo aéreo. Fica evidente, portanto, a complexidade do conjunto de sintomas e alterações que limitam o indivíduo com DPOC e a importância em dispor de testes práticos que permitam melhor caracterização e acompanhamento dos pacientes.

REFERÊNCIAS DA DISSERTAÇÃO

1. World Health Organization (WHO). Chronic Respiratory Disease - Burden of COPD. [internet] Disponível em: http://www.who.int/respiratory/copd/burden. Último acesso: Out 2018.
2. Sociedade Brasileira de Pneumologia e Tisiologia. II Consenso Brasileiro sobre Doença Pulmonar Obstrutiva Crônica-DPOC. *J Bras Pneumol* 2004; 30: 1–52.
3. Global Initiative for Chronic Obstructice Lung Disease (GOLD). Global Strategy for the Diagnosis, Management, and Prevention of Chronic Obstructive Pulmonary Disease. Updated 2018. Disponível em: www.goldcopd.org. Último acesso: Out 2018.
4. Pitta F, Takaki MY, Oliveira NH d., et al. Relationship between pulmonary function and physical activity in daily life in patients with COPD. *Respir Med* 2008; 102: 1203–1207.
5. Cavalheri V, Hill K, Donaria L, et al. Maximum voluntary ventilation is more strongly associated with energy expenditure during simple activities of daily living than measures of airflow obstruction or respiratory muscle strength in patients with COPD. *Chron Respir Dis* 2012; 9: 239–240.
6. Barusso MS, Gianjoppe-Santos J, Basso-Vanelli RP, et al. Limitation of Activities of Daily Living and Quality of Life Based on COPD Combined Classification. *Respir Care* 2015; 60: 388–398.
7. Pereira E, Pinto R, Alcantara M. Influence of respiratory function parameters on the quality of life of COPD patients. *J Bras Pneumol* 2009; 35: 730–736.
8. Miller MR, Hankinson J, Brusasco V, et al. Standardisation of spirometry. *Eur Respir J* 2005; 26(2):319-38.
9. Dillard TA, Hnatiuk OW, McCumber TR. Maximum Voluntary Ventilation: Spirometric Determinants in Chronic Obstructive Pulmonary Disease Patients and Normal Subjects. *Am Rev Respir Dis*. 1993; 147(4):870-5.
10. Pellegrino R, Viegi G, Brusasco V, et al. Interpretative strategies for lung function tests. *Eur Respir J*. 2005; 26(5):948-68.
11. Polkey MI, Kyroussis D, Hamnegard CH, et al. Diaphragm performance during

maximal voluntary ventilation in chronic obstructive pulmonary disease. *Am J Respir Crit Care Med*. 1997; 155(2):642-8.

12. Lopes AJ, de Melo PL. Brazilian studies on pulmonary function in COPD patients: what are the gaps?. *Int J Chron Obstruct Pulmon Dis*. 2016;11:1553-67.

13. Moreira GL, Gazzotti MR, Manzano BM, et al. Incidência de doença pulmonar obstrutiva crônica com base em três critérios diagnósticos espirométricos em São Paulo, Brasil: Seguimento de nove anos após o estudo de prevalência PLATINO. *Sao Paulo Med J* 2015; 133: 245–251.

14. Menezes AMB, Jardim JR, Hallal PC. Prevalence of chronic obstructive pulmonary disease and associated factors: the PLATINO Study in São Paulo , Brazil. *Cad Saúde Pública* 2005; 21: 1565–1573.

15. Lim KE, Kim SR, Kim HK, et al. Symptom Clusters and Quality of Life in Subjects With COPD. *Respir Care*. 2017; 62(9):1203-1211.

16. Spruit MA, Singh SJ, Garvey C, et al. An official American thoracic society/European respiratory society statement: Key concepts and advances in pulmonary rehabilitation. *Am J Respir Crit Care Med* 2013; 188(8):e13-64.

17. O'Donnell DE, Webb KA. Exertional Breathlessness in Patients with Chronic Airflow Limitation: The Role of Lung Hyperinflation. *Am Rev Respir Dis* 1993; 148: 1351–1357.

18. Pereira CADC. Espirometria. *J Bras Pneumol* 2002; 28: S1–S82.

19. Pereira CA, Sato T, Rodrigues SC. New reference values for forced spirometry in white adults in Brazil. *J Bras Pneumol* 2007; 33: 397–406.

20. Candemir I, Ergun P, Kaymaz D, Tasdemir F, Egesel N. The Comparison of Clinical Variables in Two Classifications: GOLD 2017 Combined Assessment and Spirometric Stage of Chronic Obstructive Pulmonary Disease. *Tuberc Respir Dis (Seoul)*. 2018;81(4):281-288.

21. Bernstein L, D'silva Jl, Mendel D. The effect of the rate of breathing on the maximum breathing capacity determined with a new spirometer. *Thorax* 1952; 7:255–262.

22. Aoshiba K. Systemic effects of COPD. *Respir Circ* 2009; 57: 313–316.

23. Guenette JA, Chin RC, Cheng S, et al. Mechanisms of exercise intolerance in Global Initiative for Chronic Obstructive Lung Disease grade 1 COPD. *Eur Respir J*. 2014; 44(5):1177-87.

24. Neder JA, Andreoni S, Lerario MC, et al. Reference values for lung function tests. II. Maximal respiratory pressures and voluntary ventilation. *Brazilian J Med Biol Res*. 1999.

25. Pereira CAC. Pletismografia – resistência das vias aéreas. *J Pneumol* 2002;

26. Wanger J, Clausen JL, Coates A, et al. Standardisation of the measurement of lung volumes. *Eur Respir J* 2005; 26: 511–522.

27. Goldman MD, Smith HJ, Ulmer WT. Whole-body plethysmography. E*ur Respir Soc Monogr* 2005; 31: 15–43.

28. Green M, Road J, Sieck GC, et al. Tests of respiratory muscle strength. *Am J Respir Crit Care Med*. 2002. DOI: 10.1164/rccm.166.4.518.

29. Souza RB. Pressões respiratórias estáticas máximas. *J. bras. pneumol* 2002; 28(Sup3): 155-165.

30. Black LF, Hyatt RE. Maximal respiratory pressures: normal values and relationship to age and sex. *Am Rev Respir Dis* 1969; 99(5): 696-702.

31. Lopes AC, Carvalho C, Xavier RF. Identifying COPD patients at risk for worse symptoms, quality of life and self-efficacy: A cluster analysis. *Chronic Illn.* 2018

32. Ofir D, Laveneziana P, Webb KA, et al. Mechanisms of Dyspnea during cycle exercise in symptomatic patients with GOLD stage I chronic obstructive pulmonary disease. *Am J Respir Crit Care Med*. 2008; 177(6):622-9.

33. Von Leupoldt A, Taube K, Lehmann K, et al. The impact of anxiety and depression on outcomes of pulmonary rehabilitation in patients with COPD. *Chest* 2011; 140: 730–736.

34. Yohannes AM, Alexopoulos GS. Depression and anxiety in patients with COPD. *Eur Respir Rev* 2014; 23: 345–9.

35. Panagioti M, Scott C, Blakemore A, et al. Overview of the prevalence, impact, and management of depression and anxiety in chronic obstructive pulmonary

disease. *Int J Chron Obs Pulmon Dis* 2014; 9: 1289–1306.

36. Kovelis D, Segretti NO, Probst VS, Lareau SC, Brunetto AF, Pitta F. Validation of the Modified Pulmonary Functional Status and Dyspnea Questionnaire and the Medical Research Council scale for use in Brazilian patients with chronic obstructive pulmonary disease. *J. Bras. Pneumol.* 2008, 34(12):1008-1018.

37. De Torres JP, Casanova C, Marín JM, et al. Prognostic evaluation of copd patients: Gold 2011 versus bode and the copd comorbidity index cote. *Thorax* 2014; 69(9):799-804.

38. Polkey MI, Spruit MA, Edwards LD, et al. Six-minute-walk test in chronic obstructive pulmonary disease: Minimal clinically important difference for death or hospitalization. *Am J Respir Crit Care Med* 2013; 187: 382–386.

39. Casanova C, Celli BR, Barria P, et al. The 6-min walk distance in healthy subjects: Reference standards from seven countries. *Eur Respir J* 2011; 37: 150–156.

40. Holland AE, Spruit MA, Troosters T, et al. An official European respiratory society/American thoracic society technical standard: Field walking tests in chronic respiratory disease. *Eur Respir J* 2014; 44: 1428–1446.

41. Morakami FK, Morita AA, Bisca GW, et al. A distância percorrida no teste de caminhada de seis minutos pode predizer a ocorrência de exacerbações agudas da DPOC em pacientes brasileiros? *J Bras Pneumol* 2017; 43: 280–284.

42. Jones PW, Harding G, Berry P, Wiklund I, Chen WH , Leidy NK. Development and first validation of the COPD Assessment Test. *Eur Respir J.* 2009, 34(3): 648-654.

43. Smid DE, Franssen FME, Houben-Wilke S. Responsiveness and MCID Estimates for CAT, CCQ, and HADS in Patients With COPD Undergoing Pulmonary Rehabilitation: A Prospective Analysis. *J Am Med Dir Assoc* 2017; 18: 53–58.

44. Morishita-Katsu M, Nishimura K, Taniguchi H. The COPD assessment test and St George`s respiratory questionnaire: Are they equivalent in subjects with COPD? *Int J COPD* 2016; 11: 1543–1551.

APÊNDICES

APÊNDICE A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) Senhor(a):

O(A) Sr(a) está sendo convidado para participar de um projeto de pesquisa chamado "*A adição do treinamento aeróbico de membros superiores ao treinamento aeróbico de membrosinferiores e exercícios globais de força muscular se traduz em melhor desempenho nas atividadesde vida diária e no nível de atividade física da vida diária em DPOC*?", cujos pesquisadores responsáveis são Prof. Dr. Fábio de Oliveira Pitta e Nidia A. Hernandes, do Departamento de Fisioterapia da Universidade Estadual de Londrina (UEL). O estudo analisará principalmente as melhoras obtidas após 3 meses de treinamento utilizando-se dois tipos diferentes de exercício físico.

Justificativa: O presente estudo contribuirá para solucionar uma questão não resolvida na literatura científica da área, e que tem sido alvo de grande debate entre pesquisadores. Embora a adição do treinamento de membros superiores ao programa de reabilitação pulmonar para pacientes com DPOC já esteja estabelecido na literatura científica e estudos que comprovem a eficiência e a necessidade do treinamento dessa musculatura já tenham sido publicados, ainda não se sabe se um programa de treinamento físico de alta intensidade que inclui exercício aeróbico envolvendo MMSS adicionalmente ao treinamento de MMII, além de exercícios globais de força muscular, resulta em melhora mais acentuada do desempenho nas AVD e do nível de AFVD. Além disso, o presente estudo poderá verificar se esses benefícios serão evidenciados já após os primeiros 3 meses de intervenção. Caso isso ocorra, poderemos sugerir um modelo de protocolo de treinamento físico de curta duração que comprovadamente resulta em melhora de AFVD e desempenho nas AVD.

Objetivo: Comparar os efeitos de dois programas de treinamento físico de alta intensidade que envolvem, por exemplo, exercícios aeróbicos como caminhar em esteira e pedalar com os membros superiores (braços) e membros inferiores (pernas) sobre a função do pulmão, a capacidade realizar exercício, e a capacidade de realizar as atividades cotidianas (atividades físicas de vida diária- AVD) de pacientes com doença pulmonar obstrutiva crônica: um protocolo baseado em treinamento de alta intensidade com exercícios aeróbicos de membros inferiores (caminhada em esteira e pedalar em bicicleta estacionária) e exercícios globais de força muscular; e outro protocolo similar porém adicionando-se o treinamento aeróbico de membros superiores (pedalar com os braços).

Procedimentos: Os pacientes incluídos realizarão uma série de testes que incluirá avaliação da função do pulmão, da capacidade de realizar exercícios, da capacidade de realizar as atividades do dia-a-dia (capacidade funcional), da força muscular dos braços e pernas e da força dos músculos que são usados para respirar (força muscular respiratória), da quantidade de atividade física que é realizada no dia-a-dia (atividade física na vida diária), da composição corporal, da qualidade de vida, do impacto que a doença tem sobre o paciente (estado funcional) e da sensação de falta de ar (dispneia). A realização dos testes requer uma visita de aproximadamente 2 horas ao Hospital Universitário Regional Norte do Paraná, em Londrina, além do uso do pequeno aparelho na cintura durante dois dias (12 horas por dia, apenas durante o dia e não de noite). Após a avaliação inicial, os pacientes serão divididos em dois grupos: um grupo no qual os participantes realizarão um programa de treinamento físico de alta intensidade que incluirá exercícios aeróbicos de membros inferiores (caminhada em esteira e pedalar em bicicleta estacionária) e de força de membros superiores e inferiores; ou no grupo que realizará o mesmo protocolo, porém, com a adição do treinamento aeróbico de MMSS realizado em cicloergômetro próprio para MMSS (pedalar com os braços). Ao final do programa de treinamento, os participantes serão reavaliados seguindo os mesmos testes realizados na avaliação inicial.

Custos: A pesquisa é gratuita e portanto não envolve qualquer custo por parte dos indivíduos. Não haverá qualquer gratificação financeira pela participação. No entanto, em caso de eventuais danos ocorridos exclusivamente por causa deste estudo, o Sr(a) terá direito a tratamento médico completo oferecido pela instituição.

Riscos: O presente projeto não envolve o uso de qualquer medicação. Os procedimentos envolvidos na pesquisa envolvem riscos mínimos relacionados à realização de exercício físico em intensidade tolerável (exemplo: aumento da sensação de falta de ar durante o exercício; leves dores musculares; leve aumento da pressão arterial e da frequência cardiaca durante o exercício; e risco de queda em caso de tropeços durante a caminhada). Pacientes com contraindicações à realização de exercícios (como por exemplo pacientes com doença cardíaca grave prévia) não serão incluídos neste projeto. Ainda assim, visto que alterações fisiológicas como aumento discreto na pressão arterial e frequência cardíaca, por exemplo, são normais durante a execução de qualquer atividade física, procederemos o monitoramento dos sinais vitais durante as sessões. Em casos que estas respostas não estejam dentro da normalidade esperada o exercício será interrompido. Além disso, quando necessário (i.e., na eventualidade de respostas adversas durante as sessões) os pacientes serão imediatamente encaminhados para atendimento médico no Hospital Universitário de Londrina (HU/UEL), já que o projeto será realizado nas dependências deste hospital.

Sigilo: Embora os resultados da pesquisa possam ser divulgados em publicações e eventos científicos, a identidade dos participantes será sempre preservada de maneira sigilosa, ou seja, em segredo.

Caso o(a) Sr(a) aceite esse convite e concorde voluntariamente em participar do estudo assinando este termo de consentimento, consideramos que o Sr(a) acredita que foi suficientemente informado(a) pela pesquisadora Nidia Aparecida Hernandes sobre a pesquisa, os procedimentos envolvidos nela, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes dessa participação. Ressaltamos novamente que o Sr(a) pode retirar seu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer prejuízo em nenhum sentido.

Local e data:____

Nome do participante: ____

Assinatura do participante ou responsável:_________________________________

Assinatura do pesquisador: ____

Colocamo-nos à disposição para qualquer esclarecimento que se fizer necessário nos telefones **(43) 3371-2477** ou pessoalmente no Ambulatório de Fisioterapia Respiratória do Hospital Universitário Regional Norte do Paraná: **Av. Robert Koch, 60 – Vila Operária – Londrina – PR** (perguntar pelo **Professor Fábio de Oliveira Pitta**).

Atenciosamente,

Prof. Fábio de Oliveira Pitta
Coordenador do Projeto

Comite de Ética em Pesquisa da UEL (CEP/UEL)

Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos - CEP/UEL
Rodovia Celso Garcia Cid, Km 380 (PR 445)
Campus Universitário - ao lado do Banco Itaú
Londrina- Pr - CEP: 86057-970

ANEXOS

ANEXO A

Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa

Universidade Estadual de Londrina

PARANÁ
GOVERNO DO ESTADO

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS
Universidade Estadual de Londrina
Registro CONEP 5231

Parecer CEP/UEL:	173/2012
CAAE:	08307812.0.0000.5231
Processo:	26336/2012
Pesquisador(a):	Fábio de Oliveira Pitta
Unidade/Órgão:	CCS – Departamento de Fisioterapia

Prezado(a) Senhor(a):

O "**Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Universidade Estadual de Londrina**" (Registro CONEP 5231) – de acordo com as orientações da Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde/MS e Resoluções Complementares, avaliou o projeto:

"SEGUIMENTO A LONGO PRAZO DE UM PROGRAMA DE TREINAMENTO FÍSICO DE LONGA DURAÇÃO SOBRE ASPECTOS PULMONARES E SISTÊMICOS DE PACIENTES PORTADORES DE DOENÇA PULMONAR OBSTRUTIVA CRÔNICA (DPOC)"

Situação do Projeto: **Aprovado**

Informamos que deverá ser comunicada, por escrito, qualquer modificação que ocorra no desenvolvimento da pesquisa, bem como deverá apresentar ao CEP/UEL relatório final da pesquisa.

Londrina, 08 de outubro de 2012.

Profa. Dra. Alexandrina Aparecida Maciel Cardelli
Coordenadora do Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos
Universidade Estadual de Londrina

Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos - UEL -

Campus Universitário: Rodovia Celso Garcia Cid (PR 445), Km 380 - Fone (43) 3371-4000 - PABX - Fax 3328-4440 - Caixa Postal 6001 - CEP 86051-990 - Internet http://www.uel.br
LONDRINA PARANÁ - BRASIL

Form. Código 11.764 - Formato A4 (210x297)

ANEXO B

Normas de formatação do periódico Respiratory Medicine

Your Paper Your Way
We now differentiate between the requirements for new and revised submissions. You may choose to submit your manuscript as a single Word or PDF file to be used in the refereeing process. Only when your paper is at the revision stage, will you be requested to put your paper in to a 'correct format' for acceptance and provide the items required for the publication of your article.

To find out more, please visit the Preparation section below.
Respiratory Medicine is an internationally-renowned, clinically-oriented journal, combining cutting-edge original research with state-of-the-art reviews dealing with all aspects of respiratory diseases and therapeutic interventions, but with a clear clinical relevance. The journal is an established forum for the publication of phased clinical trial work at the forefront of interventive research. As well as full-length original research papers, the journal publishes reviews, correspondence, and short reports. The Journal also publishes regular supplements on areas of special interest.

Submission checklist
You can use this list to carry out a final check of your submission before you send it to the journal for review. Please check the relevant section in this Guide for Authors for more details.

Ensure that the following items are present:
One author has been designated as the corresponding author with contact details:
• E-mail address
• Full postal address

All necessary files have been uploaded:

Manuscript:
• Include keywords
• All figures (include relevant captions)
• All tables (including titles, description, footnotes)
• Ensure all figure and table citations in the text match the files provided
•Indicate clearly if color should be used for any figures in print

Graphical Abstracts/Highlights files (where applicable)

Supplemental files (where applicable)

Further considerations
• Manuscript has been 'spell checked' and 'grammar checked'
• All references mentioned in the Reference List are cited in the text, and vice versa
• Permission has been obtained for use of copyrighted material from other sources (including the Internet)
• A competing interests statement is provided, even if the authors have no competing interests to declare
• Journal policies detailed in this guide have been reviewed
• Referee suggestions and contact details provided, based on journal requirements

For further information, visit our Support Center.

Ethics in publishing
Please see our information pages on Ethics in publishing and Ethical guidelines for journal publication.

Declaration of interest
All authors must disclose any financial and personal relationships with other people or organizations that could inappropriately influence (bias) their work. Examples of potential competing interests include employment, consultancies, stock ownership, honoraria, paid expert testimony, patent applications/registrations, and grants or other funding. Authors must disclose any interests in two places: 1. A summary declaration of interest statement in the title page file (if double-blind) or the manuscript file (if single-blind). If there are no interests to declare then please state this: 'Declarations of interest: none'. This summary statement will be ultimately published if the article is accepted. 2. Detailed disclosures as part of a separate Declaration of Interest form, which forms part of the journal's official records. It is important for potential interests to be declared in both places and that the information matches. More information.

Submission declaration and verification
Submission of an article implies that the work described has not been published previously (except in the form of an abstract, a published lecture or academic thesis, see 'Multiple, redundant or concurrent publication' for more information), that it is not under consideration for publication elsewhere, that its publication is approved by all authors and tacitly or explicitly by the responsible authorities where the work was carried out, and that, if accepted, it will not be published elsewhere in the same form, in English or in any other language, including electronically without the written consent of the copyright-holder. To verify originality, your article may be checked by the originality detection serviceCrossref Similarity Check.

Preprints
Please note that preprints can be shared anywhere at any time, in line with Elsevier's sharing policy. Sharing your preprints e.g. on a preprint server will not count as prior publication (see 'Multiple, redundant or concurrent publication' for more information).

Use of inclusive language
Inclusive language acknowledges diversity, conveys respect to all people, is sensitive to differences, and promotes equal opportunities. Articles should make no assumptions about the beliefs or commitments of any reader, should contain nothing which might imply that one individual is superior to another on the grounds of race, sex, culture or any other characteristic, and should use inclusive language throughout. Authors should ensure that writing is free from bias, for instance by using 'he or she', 'his/her' instead of 'he' or 'his', and by making use of job titles that are free of stereotyping (e.g. 'chairperson' instead of 'chairman' and 'flight attendant' instead of 'stewardess').

Authorship
All authors should have made substantial contributions to all of the following: (1) the conception and design of the study, or acquisition of data, or analysis and interpretation of data, (2) drafting the article or revising it critically for important intellectual content, (3) final approval of the version to be submitted.

Changes to authorship
Authors are expected to consider carefully the list and order of authors **before**submitting their manuscript and provide the definitive list of authors at the time of the original submission. Any addition, deletion or rearrangement of author names in the authorship list should be made only **before** the manuscript has been accepted and only if approved by the journal Editor. To request such a change, the Editor must receive the following from

the **corresponding author**: (a) the reason for the change in author list and (b) written confirmation (e-mail, letter) from all authors that they agree with the addition, removal or rearrangement. In the case of addition or removal of authors, this includes confirmation from the author being added or removed.

Only in exceptional circumstances will the Editor consider the addition, deletion or rearrangement of authors **after** the manuscript has been accepted. While the Editor considers the request, publication of the manuscript will be suspended. If the manuscript has already been published in an online issue, any requests approved by the Editor will result in a corrigendum.

Clinical trial results
In line with the position of the International Committee of Medical Journal Editors, the journal will not consider results posted in the same clinical trials registry in which primary registration resides to be prior publication if the results posted are presented in the form of a brief structured (less than 500 words) abstract or table. However, divulging results in other circumstances (e.g., investors' meetings) is discouraged and may jeopardise consideration of the manuscript. Authors should fully disclose all posting in registries of results of the same or closely related work.

When submitting a Clinical Trial paper to the journal via the online submission system please select Clinical Trial Paper as an article type.

Reporting clinical trials
Randomized controlled trials should be presented according to the CONSORT guidelines. At manuscript submission, authors must provide the CONSORT checklist accompanied by a flow diagram that illustrates the progress of patients through the trial, including recruitment, enrollment, randomization, withdrawal and completion, and a detailed description of the randomization procedure. TheCONSORT checklist and template flow diagram are available online.

Registration of clinical trials
Registration in a public trials registry is a condition for publication of clinical trials in this journal in accordance with International Committee of Medical Journal Editors recommendations. Trials must register at or before the onset of patient enrolment. The clinical trial registration number should be included at the end of the abstract of the article. A clinical trial is defined as any research study that prospectively assigns human participants or groups of humans to one or more health-related interventions to evaluate the effects of health outcomes. Health-related interventions include any intervention used to modify a biomedical or health-related outcome (for example drugs, surgical procedures, devices, behavioural treatments, dietary interventions, and process-of-care changes). Health outcomes include any biomedical or health-related measures obtained in patients or participants, including pharmacokinetic measures and adverse events. Purely observational studies (those in which the assignment of the medical intervention is not at the discretion of the investigator) will not require registration.

Article transfer service
This journal is part of our Article Transfer Service. This means that if the Editor feels your article is more suitable in one of our other participating journals, then you may be asked to consider transferring the article to one of those. If you agree, your article will be transferred automatically on your behalf with no need to reformat. Please note that your article will be reviewed again by the new journal.More information.

Copyright
Upon acceptance of an article, authors will be asked to complete a 'Journal Publishing Agreement' (see more information on this). An e-mail will be sent to the corresponding author confirming receipt of the manuscript together with a 'Journal Publishing Agreement' form or a link to the online version of this agreement.
Subscribers may reproduce tables of contents or prepare lists of articles including abstracts for internal circulation within their institutions. Permissionof the Publisher is required for resale or distribution outside the institution and for all other derivative works, including compilations and translations. If excerpts from other copyrighted works are included, the author(s) must obtain written permission from the copyright owners and credit the source(s) in the article. Elsevier has preprinted forms for use by authors in these cases.
For gold open access articles: Upon acceptance of an article, authors will be asked to complete an 'Exclusive License Agreement' (more information). Permitted third party reuse of gold open access articles is determined by the author's choice ofuser license.

Author rights
As an author you (or your employer or institution) have certain rights to reuse your work. More information.

Elsevier supports responsible sharing
Find out how you can share your research published in Elsevier journals.

Role of the funding source
You are requested to identify who provided financial support for the conduct of the research and/or preparation of the article and to briefly describe the role of the sponsor(s), if any, in study design; in the collection, analysis and interpretation of data; in the writing of the report; and in the decision to submit the article for publication. If the funding source(s) had no such involvement then this should be stated.

Funding body agreements and policies
Elsevier has established a number of agreements with funding bodies which allow authors to comply with their funder's open access policies. Some funding bodies will reimburse the author for the gold open access publication fee. Details of existing agreements are available online.

After acceptance, open access papers will be published under a noncommercial license. For authors requiring a commercial CC BY license, you can apply after your manuscript is accepted for publication.

Open access
This journal offers authors a choice in publishing their research:

Subscription
• Articles are made available to subscribers as well as developing countries and patient groups through our universal access programs.
• No open access publication fee payable by authors.
• The Author is entitled to post the accepted manuscript in their institution's repository and make this public after an embargo period (known as green Open Access). The published journal article cannot be shared publicly, for example on ResearchGate or Academia.edu, to ensure the sustainability of peer-reviewed research in journal publications. The embargo period for this journal can be found below.

Gold open access
• Articles are freely available to both subscribers and the wider public with permitted reuse.
• A gold open access publication fee is payable by authors or on their behalf, e.g. by their research funder or institution.

Regardless of how you choose to publish your article, the journal will apply the same peer review criteria and acceptance standards.

For gold open access articles, permitted third party (re)use is defined by the following Creative Commons user licenses:

Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivs (CC BY-NC-ND)
For non-commercial purposes, lets others distribute and copy the article, and to include in a collective work (such as an anthology), as long as they credit the author(s) and provided they do not alter or modify the article.

The gold open access publication fee for this journal is **USD 3500**, excluding taxes. Learn more about Elsevier's pricing policy:https://www.elsevier.com/openaccesspricing.

Green open access
Authors can share their research in a variety of different ways and Elsevier has a number of green open access options available. We recommend authors see ourgreen open access page for further information. Authors can also self-archive their manuscripts immediately and enable public access from their institution's repository after an embargo period. This is the version that has been accepted for publication and which typically includes author-incorporated changes suggested during submission, peer review and in editor-author communications. Embargo period: For subscription articles, an appropriate amount of time is needed for journals to deliver value to subscribing customers before an article becomes freely available to the public. This is the embargo period and it begins from the date the article is formally published online in its final and fully citable form.

This journal has an embargo period of 12 months.

Elsevier Researcher Academy
Researcher Academy is a free e-learning platform designed to support early and mid-career researchers throughout their research journey. The "Learn" environment at Researcher Academy offers several interactive modules, webinars, downloadable guides and resources to guide you through the process of writing for research and going through peer review. Feel free to use these free resources to improve your submission and navigate the publication process with ease.

Language (usage and editing services)
Please write your text in good English (American or British usage is accepted, but not a mixture of these). Authors who feel their English language manuscript may require editing to eliminate possible grammatical or spelling errors and to conform to correct scientific English may wish to use the English Language Editing service available from Elsevier's WebShop.

Submission
Our online submission system guides you stepwise through the process of entering your article details and uploading your files. The system converts your article files to a single PDF file used in the peer-review process. Editable files (e.g., Word, LaTeX) are required to typeset your article for final publication. All correspondence, including notification of the Editor's decision and requests for revision, is sent by e-mail.

Submit your article
Please submit your article via http://ees.elsevier.com/yrmed.
Submissions are allocated to a handling editor, typically an Associate Editor. Should the paper be considered suitable for peer review, appropriate reviewers will be recruited. Authors are required to provide the name and full contact details of 2 potential reviewers, though choice of reviewers is at the discretion of the handling editor. The final decision-making responsibility lies with the handling editor, who reserves the right to reject the paper despite favourable reviews depending on the priorities of the journal.

Reviews
The journal welcomes submission of state-of-the-art reviews on important topics with a clinical relevance. Potential review authors are encouraged to contact the Deputy Editor Dr N. Hanania hanania@bcm.tmc.edu in advance with their review proposals.

Case Reports
Case reports will no longer be considered for publication in Respiratory Medicine, but instead should be directed to the sister publication Respiratory Medicine Case Reports. Please note that this is a separate publication. Case reports should be submitted for consideration by Respiratory Medicine Case Reports via http://ees.elsevier.com/rmcr/. Respiratory Medicine Case Reports is an open access journal and all authors will be required to pay a £250 processing fee to cover the costs of publishing the article, which authors will be required to pay once an article has passed peer review.

<**Brief Communications**
These should be submitted as detailed above but should not exceed 1000 words, and may normally contain only one illustration or table. Brief communications containing new information may be selected for rapid peer review and publication at the discretion of the editor and editorial board.

NEW SUBMISSIONS
Submission to this journal proceeds totally online and you will be guided stepwise through the creation and uploading of your files. The system automatically converts your files to a single PDF file, which is used in the peer-review process. As part of the Your Paper Your Way service, you may choose to submit your manuscript as a single file to be used in the refereeing process. This can be a PDF file or a Word document, in any format or lay-out that can be used by referees to evaluate your manuscript. It should contain high enough quality figures for refereeing. If you prefer to do so, you may still provide all or some of the source files at the initial submission. Please note that individual figure files larger than 10 MB must be uploaded separately.

References
There are no strict requirements on reference formatting at submission. References can be in any style or format as long as the style is consistent. Where applicable, author(s) name(s), journal title/book title, chapter title/article title, year of publication, volume number/book chapter and the article number or pagination must be present. Use of DOI is highly encouraged. The reference style used by the journal will be applied to the accepted article by Elsevier at the proof stage. Note that missing data will be highlighted at proof stage for the author to correct.

Formatting requirements
There are no strict formatting requirements but all manuscripts must contain the essential elements needed to convey your manuscript, for example Abstract, Keywords, Introduction, Materials and Methods, Results, Conclusions, Artwork and Tables with Captions.

If your article includes any Videos and/or other Supplementary material, this should be included in your initial submission for peer review purposes. Divide the article into clearly defined sections.

Figures and tables embedded in text
Please ensure the figures and the tables included in the single file are placed next to the relevant text in the manuscript, rather than at the bottom or the top of the file. The corresponding caption should be placed directly below the figure or table.

Peer review
This journal operates a single blind review process. All contributions are typically sent to a minimum of two independent expert reviewers to assess the scientific quality of the paper. The Editor is responsible for the final decision regarding acceptance or rejection of articles. The Editor's decision is final. More information on types of peer review.

REVISED SUBMISSIONS

Use of word processing software
Regardless of the file format of the original submission, at revision you must provide us with an editable file of the entire article. Keep the layout of the text as simple as possible. Most formatting codes will be removed and replaced on processing the article. The electronic text should be prepared in a way very similar to that of conventional manuscripts (see also the Guide to Publishing with Elsevier). See also the section on Electronic artwork.
To avoid unnecessary errors you are strongly advised to use the 'spell-check' and 'grammar-check' functions of your word processor.

Article structure

Subdivision - unnumbered sections
Divide your article into clearly defined sections. Each subsection is given a brief heading. Each heading should appear on its own separate line. Subsections should be used as much as possible when cross-referencing text: refer to the subsection by heading as opposed to simply 'the text'.

Introduction
State the objectives of the work and provide an adequate background, avoiding a detailed literature survey or a summary of the results.

Material and methods
Provide sufficient details to allow the work to be reproduced by an independent researcher. Methods that are already published should be summarized, and indicated by a reference. If quoting directly from a previously published method, use quotation marks and also cite the source. Any modifications to existing methods should also be described.

Results
Results should be clear and concise.

Discussion
This should explore the significance of the results of the work, not repeat them. A combined Results and Discussion section is often appropriate. Avoid extensive citations and discussion of published literature.

Conclusions
The main conclusions of the study may be presented in a short Conclusions section, which may stand alone or form a subsection of a Discussion or Results and Discussion section.

Appendices
If there is more than one appendix, they should be identified as A, B, etc. Formulae and equations in appendices should be given separate numbering: Eq. (A.1), Eq. (A.2), etc.; in a subsequent appendix, Eq. (B.1) and so on. Similarly for tables and figures: Table A.1; Fig. A.1, etc.

Essential title page information

• **Title.** Concise and informative. Titles are often used in information-retrieval systems. Avoid abbreviations and formulae where possible.

• **Author names and affiliations.** Please clearly indicate the given name(s) and family name(s) of each author and check that all names are accurately spelled. You can add your name between parentheses in your own script behind the English transliteration. Present the authors' affiliation addresses (where the actual work was done) below the names. Indicate all affiliations with a lower-case superscript letter immediately after the author's name and in front of the appropriate address. Provide the full postal address of each affiliation, including the country name and, if available, the e-mail address of each author.

• **Corresponding author.** Clearly indicate who will handle correspondence at all stages of refereeing and publication, also post-publication. This responsibility includes answering any future queries about Methodology and Materials. **Ensure that the e-mail address is given and that contact details are kept up to date by the corresponding author.**

• **Present/permanent address.** If an author has moved since the work described in the article was done, or was visiting at the time, a 'Present address' (or 'Permanent address') may be indicated as a footnote to that author's name. The address at which the author actually did the work must be retained as the main, affiliation address. Superscript Arabic numerals are used for such footnotes.

Structured abstract
A structured abstract, by means of appropriate headings, should provide the context or background for the research and should state its purpose, basic procedures (selection of study subjects or laboratory animals, observational and analytical methods), main findings (giving specific effect sizes and their statistical significance, if possible), and principal conclusions. It should emphasize new and important aspects of the study or observations.
A list of three to six keywords should be supplied: full instructions are provided when submitting the article online.

Abbreviations
Define abbreviations that are not standard in this field in a footnote to be placed on the first page of the article. Such abbreviations that are unavoidable in the abstract must be defined at their first mention there, as well as in the footnote. Ensure consistency of abbreviations throughout the article.

Acknowledgements
Collate acknowledgements in a separate section at the end of the article before the references and do not, therefore, include them on the title page, as a footnote to the title or otherwise. List here those individuals who provided help during the research (e.g., providing language help, writing assistance or proof reading the article, etc.).

Formatting of funding sources
List funding sources in this standard way to facilitate compliance to funder's requirements:

Funding: This work was supported by the National Institutes of Health [grant numbers xxxx, yyyy]; the Bill & Melinda Gates Foundation, Seattle, WA [grant number zzzz]; and the United States Institutes of Peace [grant number aaaa].

It is not necessary to include detailed descriptions on the program or type of grants and awards. When funding is from a block grant or other resources available to a university, college, or other research institution, submit the name of the institute or organization that provided the funding.

If no funding has been provided for the research, please include the following sentence:
This research did not receive any specific grant from funding agencies in the public, commercial, or not-for-profit sectors.

Units
Follow internationally accepted rules and conventions: use the international system of units (SI). If other units are mentioned, please give their equivalent in SI.

Math formulae
Please submit math equations as editable text and not as images. Present simple formulae in line with normal text where possible and use the solidus (/) instead of a horizontal line for small fractional terms, e.g., X/Y. In principle, variables are to be presented in italics. Powers of e are often more conveniently denoted by exp. Number consecutively any equations that have to be displayed separately from the text (if referred to explicitly in the text).

Footnotes
Footnotes should be used sparingly. Number them consecutively throughout the article. Many word processors build footnotes into the text, and this feature may be used. Should this not be the case, indicate the position of footnotes in the text and present the footnotes themselves separately at the end of the article.

Artwork

Electronic artwork
General points
• Make sure you use uniform lettering and sizing of your original artwork.
• Preferred fonts: Arial (or Helvetica), Times New Roman (or Times), Symbol, Courier.
• Number the illustrations according to their sequence in the text.
• Use a logical naming convention for your artwork files.
• Indicate per figure if it is a single, 1.5 or 2-column fitting image.
• For Word submissions only, you may still provide figures and their captions, and tables within a single file at the revision stage.
• Please note that individual figure files larger than 10 MB must be provided in separate source files.

A detailed guide on electronic artwork is available.

You are urged to visit this site; some excerpts from the detailed information are given here.

Formats
Regardless of the application used, when your electronic artwork is finalized, please 'save as' or convert the images to one of the following formats (note the resolution requirements for line drawings, halftones, and line/halftone combinations given below):
EPS (or PDF): Vector drawings. Embed the font or save the text as 'graphics'.
TIFF (or JPG): Color or grayscale photographs (halftones): always use a minimum of 300

dpi. TIFF (or JPG): Bitmapped line drawings: use a minimum of 1000 dpi. TIFF (or JPG): Combinations bitmapped line/half-tone (color or grayscale): a minimum of 500 dpi is required.

Please do not:
• Supply files that are optimized for screen use (e.g., GIF, BMP, PICT, WPG); the resolution is too low.
• Supply files that are too low in resolution.
• Submit graphics that are disproportionately large for the content.

Color artwork
Please make sure that artwork files are in an acceptable format (TIFF (or JPEG), EPS (or PDF), or MS Office files) and with the correct resolution. If, together with your accepted article, you submit usable color figures then Elsevier will ensure, at no additional charge, that these figures will appear in color online (e.g., ScienceDirect and other sites) regardless of whether or not these illustrations are reproduced in color in the printed version. **For color reproduction in print, you will receive information regarding the costs from Elsevier after receipt of your accepted article**. Please indicate your preference for color: in print or online only.Further information on the preparation of electronic artwork.

Illustration services
Elsevier's WebShop offers Illustration Services to authors preparing to submit a manuscript but concerned about the quality of the images accompanying their article. Elsevier's expert illustrators can produce scientific, technical and medical-style images, as well as a full range of charts, tables and graphs. Image 'polishing' is also available, where our illustrators take your image(s) and improve them to a professional standard. Please visit the website to find out more.

Figure captions
Ensure that each illustration has a caption. A caption should comprise a brief title (**not** on the figure itself) and a description of the illustration. Keep text in the illustrations themselves to a minimum but explain all symbols and abbreviations used.

Tables
Please submit tables as editable text and not as images. Tables can be placed either next to the relevant text in the article, or on separate page(s) at the end. Number tables consecutively in accordance with their appearance in the text and place any table notes below the table body. Be sparing in the use of tables and ensure that the data presented in them do not duplicate results described elsewhere in the article. Please avoid using vertical rules and shading in table cells.

References

Citation in text
Please ensure that every reference cited in the text is also present in the reference list (and vice versa). Any references cited in the abstract must be given in full. Unpublished results and personal communications are not recommended in the reference list, but may be mentioned in the text. If these references are included in the reference list they should follow the standard reference style of the journal and should include a substitution of the publication date with either 'Unpublished results' or 'Personal communication'. Citation of a reference as 'in press' implies that the item has been accepted for publication.

Reference links
Increased discoverability of research and high quality peer review are ensured by online links to the sources cited. In order to allow us to create links to abstracting and indexing services, such as Scopus, CrossRef and PubMed, please ensure that data provided in the references are correct. Please note that incorrect surnames, journal/book titles, publication year and pagination may prevent link creation. When copying references, please be careful as they may already contain errors. Use of the DOI is highly encouraged.

A DOI is guaranteed never to change, so you can use it as a permanent link to any electronic article. An example of a citation using DOI for an article not yet in an issue is: VanDecar J.C., Russo R.M., James D.E., Ambeh W.B., Franke M. (2003). Aseismic continuation of the Lesser Antilles slab beneath northeastern Venezuela. Journal of Geophysical Research, https://doi.org/10.1029/2001JB000884. Please note the format of such citations should be in the same style as all other references in the paper.

Web references
As a minimum, the full URL should be given and the date when the reference was last accessed. Any further information, if known (DOI, author names, dates, reference to a source publication, etc.), should also be given. Web references can be listed separately (e.g., after the reference list) under a different heading if desired, or can be included in the reference list.

Data references
This journal encourages you to cite underlying or relevant datasets in your manuscript by citing them in your text and including a data reference in your Reference List. Data references should include the following elements: author name(s), dataset title, data repository, version (where available), year, and global persistent identifier. Add [dataset] immediately before the reference so we can properly identify it as a data reference. The [dataset] identifier will not appear in your published article.

Reference management software
Most Elsevier journals have their reference template available in many of the most popular reference management software products. These include all products that support Citation Style Language styles, such as Mendeley and Zotero, as well as EndNote. Using the word processor plug-ins from these products, authors only need to select the appropriate journal template when preparing their article, after which citations and bibliographies will be automatically formatted in the journal's style. If no template is yet available for this journal, please follow the format of the sample references and citations as shown in this Guide. If you use reference management software, please ensure that you remove all field codes before submitting the electronic manuscript.More information on how to remove field codes.

Users of Mendeley Desktop can easily install the reference style for this journal by clicking the following link: http://open.mendeley.com/use-citation-style/respiratory-medicine

When preparing your manuscript, you will then be able to select this style using the Mendeley plug-ins for Microsoft Word or LibreOffice.

Reference formatting
There are no strict requirements on reference formatting at submission. References can be in any style or format as long as the style is consistent. Where applicable, author(s) name(s), journal title/book title, chapter title/article title, year of publication, volume number/book chapter and the article number or pagination must be present. Use of DOI is highly encouraged. The reference style used by the journal will be applied to the accepted article by Elsevier at the proof stage. Note that missing data will be highlighted at proof stage for the author to correct. If you do wish to format the references yourself they should be arranged according to the following examples:

Reference style
Text: Indicate references by number(s) in square brackets in line with the text. The actual authors can be referred to, but the reference number(s) must always be given. Example: '..... as demonstrated [3,6]. Barnaby and Jones [8] obtained a different result ....'
List: Number the references (numbers in square brackets) in the list in the order in which they appear in the text.

Examples:

Reference to a journal publication:
[1] J. van der Geer, J.A.J. Hanraads, R.A. Lupton, The art of writing a scientific article, J. Sci. Commun. 163 (2010) 51–59. https://doi.org/10.1016/j.Sc.2010.00372.

Reference to a journal publication with an article number:
[2] Van der Geer, J., Hanraads, J.A.J., Lupton, R.A., 2018. The art of writing a scientific article. Heliyon. 19, e00205.https://doi.org/10.1016/j.heliyon.2018.e00205.

Reference to a book:
[3] W. Strunk Jr., E.B. White, The Elements of Style, fourth ed., Longman, New York, 2000.

Reference to a chapter in an edited book:
[4] G.R. Mettam, L.B. Adams, How to prepare an electronic version of your article, in: B.S. Jones, R.Z. Smith (Eds.), Introduction to the Electronic Age, E-Publishing Inc., New York, 2009, pp. 281–304.

Reference to a website:
[5] Cancer Research UK, Cancer statistics reports for the UK. http://www.cancerresearchuk.org/aboutcancer/statistics/cancerstatsreport/, 2003 (accessed 13 March 2003).

Reference to a dataset:
[dataset] [6] M. Oguro, S. Imahiro, S. Saito, T. Nakashizuka, Mortality data for Japanese oak wilt disease and surrounding forest compositions, Mendeley Data, v1, 2015. https://doi.org/10.17632/xwj98nb39r.1.

Journal abbreviations source
Journal names should be abbreviated according to the List of Title Word Abbreviations.

Video
Elsevier accepts video material and animation sequences to support and enhance your scientific research. Authors who have video or animation files that they wish to submit with their article are strongly encouraged to include links to these within the body of the article. This can be done in the same way as a figure or table by referring to the video or animation content and noting in the body text where it should be placed. All submitted files should be properly labeled so that they directly relate to the video file's content. . In order to ensure that your video or animation material is directly usable, please provide the file in one of our recommended file formats with a preferred maximum size of 150 MB per file, 1 GB in total. Video and animation files supplied will be published online in the electronic version of your article in Elsevier Web products, includingScienceDirect. Please supply 'stills' with your files: you can choose any frame from the video or animation or make a separate image. These will be used instead of standard icons and will personalize the link to your video data. For more detailed instructions please visit our video instruction pages. Note: since video and animation cannot be embedded in the print version of the journal, please provide text for both the electronic and the print version for the portions of the article that refer to this content.

Data visualization
Include interactive data visualizations in your publication and let your readers interact and engage more closely with your research. Follow the instructions hereto find out about available data visualization options and how to include them with your article.

Supplementary material
Supplementary material such as applications, images and sound clips, can be published with your article to enhance it. Submitted supplementary items are published exactly as they are received (Excel or PowerPoint files will appear as such online). Please submit your material together with the article and supply a concise, descriptive caption for each supplementary file. If you wish to make changes to supplementary material during any stage of the process, please make sure to provide an updated file. Do not annotate any corrections on a previous version. Please switch off the 'Track Changes' option in Microsoft Office files as these will appear in the published version.

Research data
This journal encourages and enables you to share data that supports your research publication where appropriate, and enables you to interlink the data with your published articles. Research data refers to the results of observations or experimentation that validate research findings. To facilitate reproducibility and data reuse, this journal also encourages you to share your software, code, models, algorithms, protocols, methods and other useful materials related to the project.

Below are a number of ways in which you can associate data with your article or make a statement about the availability of your data when submitting your manuscript. If you are sharing data in one of these ways, you are encouraged to cite the data in your manuscript and reference list. Please refer to the "References" section for more information about data citation. For more information on depositing, sharing and using research data and other relevant research materials, visit the research data page.

Data linking
If you have made your research data available in a data repository, you can link your article directly to the dataset. Elsevier collaborates with a number of repositories to link articles on ScienceDirect with relevant repositories, giving readers access to underlying data that gives them a better understanding of the research described.

There are different ways to link your datasets to your article. When available, you can directly link your dataset to your article by providing the relevant information in the submission system. For more information, visit the database linking page.

For supported data repositories a repository banner will automatically appear next to your published article on ScienceDirect.

In addition, you can link to relevant data or entities through identifiers within the text of your manuscript, using the following format: Database: xxxx (e.g., TAIR: AT1G01020; CCDC: 734053; PDB: 1XFN).

Mendeley Data
This journal supports Mendeley Data, enabling you to deposit any research data (including raw and processed data, video, code, software, algorithms, protocols, and methods) associated with your manuscript in a free-to-use, open access repository. During the submission process, after uploading your manuscript, you will have the opportunity to upload your relevant datasets directly to Mendeley Data. The datasets will be listed and directly accessible to readers next to your published article online. For more information, visit the Mendeley Data for journals page.

Data statement
To foster transparency, we encourage you to state the availability of your data in your submission. This may be a requirement of your funding body or institution. If your data is unavailable to access or unsuitable to post, you will have the opportunity to indicate why during the submission process, for example by stating that the research data is confidential. The statement will appear with your published article on ScienceDirect. For more information, visit the Data Statement page.

Online proof correction
Corresponding authors will receive an e-mail with a link to our online proofing system, allowing annotation and correction of proofs online. The environment is similar to MS Word: in addition to editing text, you can also comment on figures/tables and answer questions from the Copy Editor. Web-based proofing provides a faster and less error-prone process by allowing you to directly type your corrections, eliminating the potential introduction of errors. If preferred, you can still choose to annotate and upload your edits on the PDF version. All instructions for proofing will be given in the e-mail we send to authors, including alternative methods to the online version and PDF.

We will do everything possible to get your article published quickly and accurately. Please use this proof only for checking the typesetting, editing, completeness and correctness of the text, tables and figures. Significant changes to the article as accepted for publication will only be considered at this stage with permission from the Editor. It is important to ensure that all corrections are sent back to us in one communication. Please check carefully before replying, as inclusion of any subsequent corrections cannot be guaranteed. Proofreading is solely your responsibility.

Offprints
The corresponding author will, at no cost, receive a customized Share Linkproviding 50 days free access to the final published version of the article onScienceDirect. The Share Link can be used for sharing the article via any communication channel, including email and social media. For an extra charge, paper offprints can be ordered via the offprint order form which is sent once the article is accepted for publication. Both corresponding and co-authors may order offprints at any time via Elsevier's Webshop. Corresponding authors who have published their article gold open access do not receive a Share Link as their final published version of the article is available open access on ScienceDirect and can be shared through the article DOI link.